

Directora: **Nassalete Miranda**
26 Outubro de 2016
Nº 181 | Preço: 2 euros
Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS



«Germano Silva
- O Porto no coração»

Casa do Infante, Porto, até 27 de Novembro

EM DESTAQUE // PÁGS. 3 a 9

175 anos do nascimento Alberto Sampaio



ARTE | Pág.13

28 de Outubro comemora-se José Rodrigues

A Fundação Escultor José Rodrigues, no Porto, assinala, sexta-feira, os 80 anos do mestre com inaugurações de exposições e lançamentos de livros, entre outras acções.

ARTE | Págs.14 e 15

30 anos de vida artística de Agostinho Santos

Três décadas assinaladas com o lançamento de um livro e a inauguração de quatro exposições. Agostinho Santos é pintor, escultor, ceramista, desenhador... e usa o seu pincel como uma arma contra a indiferença.

CRÓNICA | Págs.20 e 21

O sonho, por aí

O "Sonho de Uma Noite de Verão" aconteceu na associação Nun'Álvares de Campanhã pelo grupo de Teatro de Centro Social de Soutelo.

Por Helder Pacheco

CIÊNCIA | Pág.23

Nobel da Física de 2016 ou a utilidade da Ciência pura

"O Prémio Nobel da Física de 2016 foi atribuído a três físicos teóricos britânicos [...] pela descoberta de novas fases da matéria e transições entre elas".

Por Carlos Fiolhais



SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5.000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
E-mail: singplural@gmail.com

Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
E-mail: singplural@gmail.com

FICHA TÉCNICA

DIRECTORA: Nassaete Miranda
EDITORIA: Isabel Fernandes
FOTOGRAFIA: Ângela Velhote
DIRECÇÃO COMERCIAL: Maria José Guedes
GRAFISMO: Pedro Cunha
PAGINAÇÃO: Pedro Cunha
SITE: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira
CONTACTOS: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq. | 4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
Email: artesentreletras@gmail.com
REGISTO NA ERC
125685
IMPRESSÃO
Selector - Artes Gráficas, LDA
Rio Tinto - Telef: 22 485 42 90
DISTRIBUIÇÃO
VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Aqualva Cacém
Telef: 21 433 70 00
PONTOS DE VENDA
contactcenter@vasp.pt
Telef: 80820655 - Fax: 80820613
PROPRIEDADE:
Singular Plural
NIF
509578942
TIRAGEM
1250 exemplares
Interditada a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

CONSELHO EDITORIAL

Amaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luis
António Vitorino d'Almeida
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo
Francisco Ribeiro da Silva | Helder Pacheco
Isabel Ponce de Leão | José Atalaya
Levi Guerra | Lídia Jorge
Mário Cláudio | Miguel Cadilhe
Miguel Veiga | Salvato Trigo

COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | Alberto Cadilhe | André Lamas Leite
António José Queiroz | Armando Alves | Artur Serra Araújo
Carlos Cabral Nunes | Carlos Tavares | Cristino Cortes
Domingos Lobo | Eugénio Lisboa | Francisco Eutália | Francisco Noronha
Francisco Simões | Guilhermed Oliveira Martins | Gomes Fernandes
Helena AM Pereira | João Cardim | Jorge Sanglard | J. Esteves Rei
José Carlos Seabra Pereira | Lauro António
Manuel Sobrinho Simões | Manuela Aguiar | Maria Antónia Jardim
Maria do Carmo Cardoso Mendes | Martinho Soares | Miguel Leite
Mónica Baldaque | Paulo Ferreira da Cunha | Pedro Cardim Ribeiro
Ramiro Teixeira | Rodolfo Alonso | Rudesindo Soutelo
Sílvia Pereira | Vasco Rosa

PARCERIAS



APOIOS



Esta edição segue para 100 Bibliotecas Municipais com o apoio do Banco BIC



Nassaete Miranda
directora

Entre Sentidos

“Três coisas são necessárias para a salvação do homem: saber o que deve crer, saber o que deve desejar, saber o que deve fazer.”

São Tomás de Aquino

O dia em que escrevo não é o hoje em que sou lida: hoje ainda não aconteceu tanta coisa para sorrir, nem tudo o resto que me apoquento, indigna e me faz zangar e desacreditar, temporariamente, no ser humano!

Hoje ainda não sei o resultado das eleições nos Estados Unidos, mas quero acreditar que seja Hillary a vencedora, não por grande margem de votos, porque a abstenção será histórica nesta 58.ª eleição, mas porque será “um mal menor”. É assim que o mundo anda a ser gerido, não pelo mérito, pelo conhecimento, pela competência, pelo sentido solidário, responsável e humanitário, pela cultura e bom senso, mas pelos “males menores”..., ou seja, o mundo anda muito mal governado! Mas é preciso acreditar no Homem - nem sequer temos alternativa, por muito que se goste dos cães, gatos, elefantes e periquitos! É da raça humana que ciclicamente emergem exemplos fantásticos que a enobrecem, mas é nela que também moram os Trump e todos os restantes que ainda não se libertaram do DNA dos répteis. Temos de estar atentos e informados, sair do nosso conforto e confrontar com factos os que defendem que numa democracia há lugar para todos. Não! Numa democracia só pode haver lugar para quem a respeita e sabe o seu significado.

Shakespeare que sonhou “uma noite de Verão” escreveu que o ser humano é feito “da matéria dos sonhos”. É certo. Sem sonho não há mudança e sem esta o mundo não avança, pelo que cada um pode sonhar ser rei, presidente, santo, rico, famoso, etc., mas o destino dos povos não pode integrar o sonho de um qualquer indivíduo que

olha para o espelho e se acha o melhor do planeta Terra só porque tem dinheiro e, com ele, o poder de dizer e fazer o que lhe apetece! É assim que nascem os ditadores e malfiteiros, desde o conto da Bela Adormecida!

Mas por entre as nuvens de cinza carregado trazidas pela certeza da falta de humildade no mundo, há sempre alguns raios de luz que alegrem as horas de esperança. Os mais recentes falam português: António Guterres é Secretário-Geral das Nações Unidas, Rui Nunes vai propor a criação da Declaração da Igualdade de Género à Unesco, Clara Ramalhão recebeu o Diploma de Reconhecimento e Mérito do Ministério da Saúde da República de Moçambique e o Porto, cidade de mim, festejou os 85 anos de vida “andarilha” do nosso muito querido Germano Silva. Mais, para assinalar o Dia Internacional Para a Erradicação da Pobreza, o ministro Vieira Silva afirmou que, e cito: “Erradicar a pobreza tem de ser a ambição maior da nossa sociedade, tem de ser a ambição maior das nossas gerações”. Muito bem dito, senhor ministro, agora, faça favor de trabalhar nesse sentido e venham as medidas necessárias, que, certamente, não passam pelos ordenados milionários dos administradores da Caixa Geral de Depósitos! AH! É verdade, se não for assim, a ganhar muito dinheiro, não há gente competente para administrar o banco nacional a caminho da falência. A sério meus senhores?!

E eu a pensar que o nariz vermelho era só para alegrar as crianças!

A todos, boas leituras em artes feitas!

NOTA

O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.

ENTRENÓS

«Ligações» é o tema do 3.º Fórum do Futuro

Entre os dias 1 e 6 de Novembro, o Porto recebe o terceiro Fórum do Futuro: o festival do pensamento, organizado pela Câmara do Porto, e que nesta edição conta com 28 convidados internacionais e 13 nacionais que, sob o tema «Ligações», discutirão as relações do mundo contemporâneo através da ciência, cultura, espiritualidade, sentimentos e utopias. Reflectir sobre a maneira como nos relacionamos no mundo de hoje, ponderar como a Europa lida com terrorismo, refugiados ou racismo, a universalidade cultural, os limites das relações entre arte e ciência ou o

pensamento que vem de África ou do Médio Oriente são os mais diversos temas a abordar num total de 22 sessões. Com um orçamento de 140 mil euros, o evento encerra com a sessão subordinada ao tema «Refugiados: na linha da frente». A Câmara do Porto, em parceria com a Casa da Música, Serralves, Teatro Nacional São João, Universidade do Porto e o Centro Nacional de Cultura, pretende que o festival do pensamento chegue ao maior número de participantes e, uma vez mais, os bilhetes são disponibilizados gratuitamente. (<http://www.forumofthefuture.com/>)

PARA ASSINAR ONLINE: WWW.ARTESENTREASLETRAS.COM.PT

À venda, para além dos locais habituais:

Poetria, Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, Museu Nacional Soares dos Reis e Livraria Lello



Guilherme
d'Oliveira Martins
Centro Nacional de Cultura

Em destaque

Alberto Sampaio - Historiador económico

Alberto Sampaio deve ser considerado na Geração de 1870 como um elemento marcante na história da cultura portuguesa. Como diz o seu devotado amigo Luís de Magalhães: “Em Guimarães ou na casa paterna de Boamense, em Famação, passou, pode dizer-se, quase toda a vida. Os cuidados agrícolas e as pesquisas históricas absorviam-no. Apenas os interrompia para se dedicar a alguns trabalhos que interessassem a sua terra natal, como foi a importante exposição industrial de Guimarães em 1884, de que ele foi um dos principais organizadores. Depois do famoso conflito entre Braga e Guimarães, no mesmo ano, quiseram eleger-lo deputado. Recusou inabalavelmente. Ele, tão ilustrado, tão sabedor, dizia que lhe era impossível falar diante de vinte pessoas juntas”.

Realizou importantes estudos históricos, que iniciaram entre nós a disciplina da História Económica - com três trabalhos capitais: “A Propriedade e a Cultura no Minho”, “As Villas do Norte de Portugal” e “As Póvoas Marítimas do Norte de Portugal” reunidos graças ao empenho de Luís de Magalhães. Através de Antero de Quental tornou-se amigo de Oliveira Martins, com quem desenvolverá uma atividade fundamental no campo legislativo. Hoje ninguém deixa de reconhecer a grande importância do projeto de lei de Fomento Rural e Emigração apresentado por Oliveira Martins nas suas funções de deputado (1887). Para Sampaio o estudo da História constituía não apenas um motivo de pesquisa científica, mas um modo de compreender a evolução da sociedade e da economia. Foi assim que O.M. pediu a Alberto Sampaio uma ajuda preciosa.

Com grande modéstia, Alberto Sampaio era uma espécie de beneditino trabalhando pacientemente as suas obras, investigando com meticulosidade as suas fontes e os seus documentos, escrevendo com escrúpulo vernáculo, numa língua simples, clara, elegante na sua sobriedade, nobre na sua despretensão, onde se sentia ainda a frequência dos clássicos e o salutar influxo do mestre ilustre que ele amava como homem e admirava como escritor - Alexandre Herculano. Em “A Propriedade e a Cultura no Minho”, Alberto Sampaio é claro nos pressupostos de

que parte. «A propriedade, consequência do trabalho exercido sobre o solo, adaptar-se-á, antes de tudo às circunstâncias particulares de cada zona, recebendo, em seguida, a impressão do modo de ser moral dos homens, mais ou menos modificado pelos acontecimentos históricos». Importaria, porém, estudar as “villas” romanas, agrupamentos urbanos intermédios que o historiador desejava compreender. «Quando as legiões de Augusto penetraram na região cisduriana (diz Magalhães), catorze anos depois de Cristo, encontraram-na na posse duma raça brava e aguerrida, de origem celta, segundo uns, lígúrica, segundo outros, que vivia acantonada nas suas citânias ou cividades, povoações cintadas de muralhas, erguidas em pontos elevados, sob o presumível regime da dominação dum chefe, mais pastores do que agricultores, e usufruindo em comum as terras que cercavam as habitações urbanas». A “villa” da colonização romana constitui a base estrutural do povoamento. No meio da propriedade, o senhor reserva um espaço para cultivar por conta própria junto ao solar onde reside e onde, nas mãos do feitor, está a administração rural. Junto do solar está o celeiro e a villa rústica onde se alojam os servos e os godos. Espalhados pelo vasto domínio agrícola estão as casas e os casais, onde habitam os caseiros. O regime da terra, com a colonização romana, passou assim de pastoril para agrícola.

Depois do século VIII e até à reconquista cristã esta estrutura é alvo de perturbação e de uma relativa instabilidade que dá lugar à reorganização medieval. Junto do solar ou do palácio surge o templo cristão - a igreja. «E a Igreja concentrava em si (lembra ainda Magalhães) a vida moral das famílias, congregadas, antes, pelo regime económico das villas». Assim surgiu a freguesia rural, dando origem a uma unidade eclesiástica que, nos nossos dias, se tornou unidade administrativa. Em suma, considerando a evolução da investigação historiográfica do tempo, Sampaio dá-nos uma continuidade extremamente clara sobre a evolução da propriedade no ocidente peninsular - desde que o império romano estabeleceu o regime das villas até que estas se fragmentaram pela jurisprudência bárbara neo-goda, pela repar-

tição em doações da coroa da terra aquando da reconquista cristã. Progressivamente o senhor desaparece e é substituído pelo cavaleiro. A villa fragmenta-se, retalhada pelas doações. Mas a toponímia mantém-se em geral, achando no português formas corrotas das velhas designações latinas. Hoje ainda consideramos notável o modo como Sampaio trata os temas do povoamento de Portugal ao longo dos séculos. Sentimos como se foi construindo gradualmente o Portugal contemporâneo.

A relação com o mar e o povoamento do litoral são aspetos da maior importância. As incursões navais, primeiro da pirataria normanda, depois da pirataria árabe, tinham varrido das nossas ribas marítimas as suas pacíficas populações. A linha costeira era, de contínuo, invadida, talada, devastada por esses senhores do mar e, com o tempo, tornou-se num deserto. Os povos procuravam a sua segurança nas defesas naturais do interior. Um cruzado inglês que, num relato da sua viagem para a Terra Santa, descreve a nossa costa do Norte, indica como povoações mais próximas do mar (...). Até lá, eram talvez, “charnecas inabitadas.” Pode dizer-se que as “Villas” e as “Póvoas Marítimas” são decisivas para o esclarecimento das nossas origens históricas. «Portugal, que fora, lentamente, durante a primeira dinastia, (...) assentando na terra as bases da sua vida económica, mudou, subitamente, de rumo, fazendo-se ao mar e sulcando-o, aventurosamente, na esteira do maior e mais belo sonho imperialista que os povos modernos sonharam. A terra foi abandonada. O lavrador fez-se navegante e mercante. E, assim, em três séculos, ele viveu dos produtos dos seus domínios, do cravo e da pimenta da Índia e, depois, do oiro e dos diamantes do Brasil. Até que, perdidos, sucessivamente, esses que foram os nossos impérios do Oriente e do Ocidente, se encontrou de novo em face dos mesmos problemas, das mesmas necessidades económicas a que os nossos primeiros reis tão

NOTA

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura

Nos 175 anos do nascimento de Alberto Sampaio

O documentário «Alberto Sampaio, o Homem e a Obra» volta a ser exibido, no âmbito das comemorações dos 175 anos do nascimento de Alberto Sampaio, que têm estado a assinalar-se através de um conjunto alargado de acções que culmina em Dezembro e que reúne o apoio dos municípios de Guimarães, de Braga e de Vila Nova de Famalicão, bem como de várias instituições culturais e educativas de âmbito nacional e regional. Amanhã (dia 27 de Outubro), pelas 21 horas, o Arquivo Municipal Alberto Sampaio, em Vila Nova de Famalicão, será então palco de nova acção, com a visualização do documentário a que se seguirá uma mesa redonda sob o tema do filme, moderada pela jornalista Teresa Sampaio e que contará com a participação do professor Sampaio da Nóvoa, da directora do Museu de Alberto Sampaio, Isabel Fernandes, e da investigadora Emília Nóvoa Faria.

As comemorações prosseguem no dia 11 de Novembro com o colóquio «O(s) Tempo(s) de Alberto Sampaio», na Casa do Território (Parque da Devesa), em Vila Nova de Famalicão. Esta jornada de trabalho congregará vários investigadores e académicos em torno do nome do autor, num total de 11 comunicações distribuídas por quatro painéis, estando marcados para as 16h40, o segundo debate, seguido do encerramento. Prevista para as 9h30 está a sessão de abertura com a participação do presidente de Vila Nova de Famalicão, Paulo Cunha, e do reitor do Instituto Universitário da Maia, Domingos Oliveira Silva. «Alberto Sampaio e a historio-

grafia nacional», por Aurélio de Oliveira, abre o primeiro painel (10 horas) moderado por Eduardo Gonçalves; José Valle de Figueiredo abordará o tema «Alberto Sampaio, Luís de Magalhães e a identidade nacional», seguido por José Maia Marques que falará sobre «A dimensão etno-histórica de Alberto Sampaio». «Alberto Sampaio: uma estratégia neofisiocrática para o desenvolvimento de Portugal», por Eduardo Gonçalves, «A indústria em Alberto Sampaio», por António Martins, e «Alberto Sampaio: um arquiteto do vinho verde de qualidade», por Gonçalo Marques, são os temas e os especialistas previstos para o painel dois, a partir das 11h30, moderado por José Maia Marques. Às 12h30 será altura do primeiro debate do colóquio.

Odete Paiva moderará o painel três (14h30): «As raízes genealógicas do apelido Sampaio», por Ricardo Bessa Teixeira; «Cartografia e geografia desde o acervo geográfico de Alberto Sampaio», por Miguel Bandeira; «O exército português ao tempo de Alberto Sampaio», Sérgio Veludo. O quarto e último painel terá início às 16 horas, com moderação de Gonçalo Marques. Odete Paiva falará sobre «Territórios famalicenses de Alberto Sampaio entre Oitocentos e Novecentos» e Emília Nóvoa Faria e Luísa Alvim abordarão o tema «O Arquivo Pessoal de Alberto Sampaio: contributos para o seu conhecimento».

Organizado pela Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e pelo Instituto Universitário da Maia, o evento conta com o patrocínio científico do Centro de Estudos de Desenvolvimento Turístico, do Centro de Investigação Trans-



disciplinar Cultura, Espaço e Memória, do Centro de Estudos Transdisciplinar para o Desenvolvimento e do Centro de Formação Associação de Escolas de Vila Nova de Famalicão. As inscrições, gratuitas e obrigatórias (sujeitas à lotação da sala), devem ser feitas para asampaio2016@vilanovadefamalicao.org.

António Martins
Emília Nóvoa Faria
Investigadores

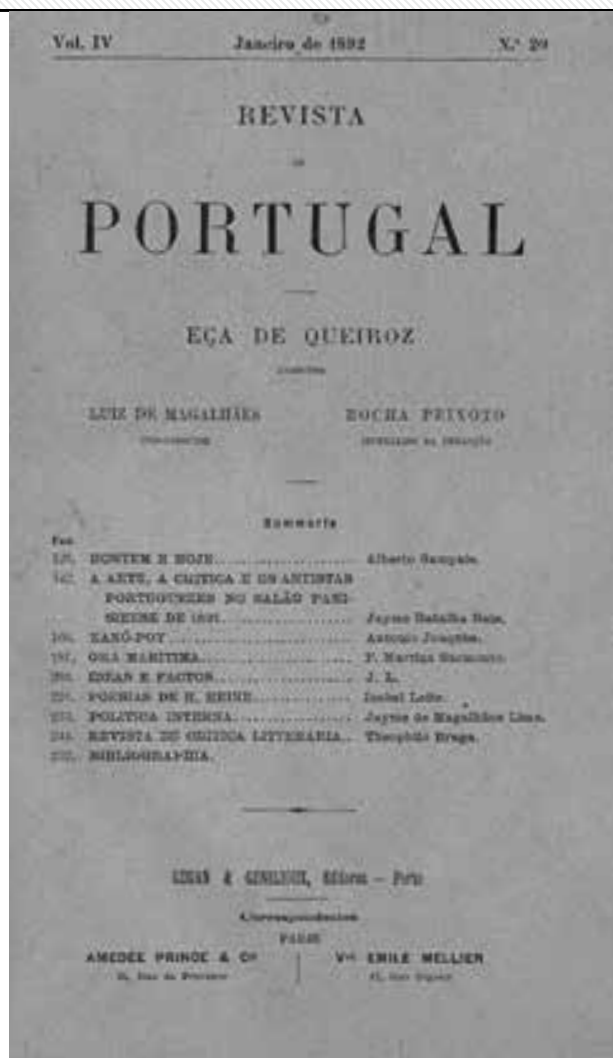
Alberto Sampaio e a crise de 1890-1892

Por detrás da acalmia política e de uma aparente prosperidade sentida ao longo dos anos de 50 a 70 do século XIX, Portugal viveu, nas duas últimas décadas de oitocentos, uma crise financeira sem precedentes, cujo apogeu culminou entre 1890 e 1892. Desde a década de 30, na sequência das guerras civis que assolaram o país, que a situação financeira não deixou de se agravar, sobretudo pela via do endividamento crescente. A dinâmica intro-

duzida pela política fontista na construção de grandes infraestruturas, embora com sinal positivo (Alberto Sampaio dirá que «os novos personagens políticos, derrubando todas as antigas instituições, vestiram-no [Portugal] efectivamente à moderna», mas «deixaram porém persistir [...] o crónico desequilíbrio económico»), foi feita à custa não só do aumento da dívida pública, como do défice orçamental. Em 1890 ocorre o *Ultimatum* bri-

tânico, motivado pelo famoso Mapa-Cor-de-Rosa, cujas consequências lançam o país numa profunda desordem política, com grandes manifestações populares exigindo o desagravo e a intensificação da pressão republicana (golpe de 31 de Janeiro de 1891), o que aliado a uma grande fragilidade económica e ao pavor da perda das colónias, último reduto da nossa riqueza, provocam uma forte aceleração da crise. Simultaneamente ocorrem duas

situações determinantes. Por um lado, o banco britânico *Barings*, um potente mundial, tradicional agente do Estado português para a colocação de dívida, cessa pagamentos, em Novembro de 1890, por falta de liquidez na sequência do colapso financeiro da Argentina, onde o banco tinha muitos títulos de crédito, desaparecendo assim o principal apoio de Portugal em momentos de crise; por outro lado, a quebra de remessas provenientes da emigração no Brasil, ligada à grande instabilidade política que o país atravessa com o fim da escravidão e a proclamação da República, deixam o Estado português à beira da incapacidade de satisfazer os seus compromissos com o serviço da dívida. Concentram-se, assim, num curto intervalo de tempo (1890-1891), problemas políticos, financeiros e monetários num quadro europeu de crise financeira e os mercados externos fecham-se a colocação de dívida portuguesa, num clima de crescente mal-estar com as sucessivas emissões que ocorriam. Entre Janeiro de 1891 e Janeiro de 1892, sucessivos governos tentam adiar o descalabro financeiro lançando mão de medidas *ad hoc*, como o financiamento junto do Banco de Portugal ou o empréstimo da Companhia dos Tabacos, nas mãos do conde de Burnay, cujo poder sobre o país se media, à época, pelo facto de ser o maior detentor de créditos externos a Portugal, qualquer coisa como 45% do total. É então que surge na cena política, em Janeiro de 1892, um dos grandes amigos de Alberto Sampaio, o historiador Joaquim Pedro de Oliveira Martins, pela mão de Dias Ferreira, líder do gabinete *Vida Nova*, ocupando a pasta da Fazenda. Oliveira Martins e Alberto Sampaio eram *compagnons de route*, pelo menos desde 1886, quando Sampaio colaborou no Projecto de Lei de Fomento Rural apresentado por Oliveira Martins à Câmara de Deputados, em Abril de 1887. Sendo ambos unânimes na crítica ao estado de coisas em Portugal, designadamente do modelo económico de Fontes Pereira de Melo, o novo titular da Fazenda tentaria mesmo, mais tarde, arrastar Alberto Sampaio para a acção política («O principal motivo porque estamos perdidos é exactamente porque os bons estão atacados de apatia», escrevia-lhe ele), embora sem conseguir movê-lo. O novo ministro fica “assombrado” com o estado das finanças e não vê outra solução senão declarar a bancarrota e renegociar a dívida. O orçamento que elabora é de salvação pública («posso assegurar-lhe (chame-me embora maluco ou vaidoso)», diz, de novo, a Alberto Sampaio, «que esta tentativa de salvamento é sincera e desinteressada»), com medidas de excepção extremamen-



te impopulares, para evitar recorrer de novo a mais dívida, como a subida de contribuições sobre os rendimentos da função pública e a elevação do imposto de rendimento sobre os juros da dívida interna, o que afetava directamente a acumulação das poupanças de muitos portugueses em títulos da dívida. Oliveira Martins permaneceu cerca de 4 meses no ministério, tendo-se demitido em rota de colisão com a orientação do governo.

Tudo isto é como a história económica nos explica a crise de 1890-92. Alberto Sampaio, todavia, irá muito mais longe, introduzindo uma perspectiva histórica de fundo que ultrapassa largamente a mera análise dos factos que, numa conjuntura de curto/médio prazo, conduziram à falência do Estado português. Num extenso artigo publicado na *Revista de Portugal*, dirigida por Eça de Queirós, em Janeiro de 1892, intitulado “Hontem e Hoje”, Alberto Sampaio rastreia, desde a fundação da nacionalidade, o que foi o longo percurso de Portugal para chegar à situação presente. Começa pela pujança da 1ª dinastia. «Os reis batalhadores queriam um reino fortemente povoado e cultivado; [...] a profícua e sensata administração afonsina, se fosse até ao seu complemento, teria feito do pequeno estado peninsular uma verdadeira nação». Todavia, assinala depois, com pesar, «o novo curso que tomaram as coisas no próprio tempo do fundador da segunda dinastia». «O brilhante feito de armas»

que foi a conquista de Ceuta, «tornou-se um constante sorvedouro de homens e cabedais [...]». A ele foram-se seguindo as explorações do infante D. Henrique. Gradualmente, à medida que avançam até que foi desvendado o caminho da Índia, vai parando o desenvolvimento do trabalho interno e nascendo em toda a população o espírito de aventura, que nunca mais se extinguirá». O que se segue já tinha sido soberbamente sintetizado na recensão à *História de Portugal* de Oliveira Martins, publicada no jornal *A Província* de 28 de Dezembro de 1886: «Prodigalizando e desbaratando primeiro as especiarias da Índia, em seguida os diamantes do Brasil, este incorrigível Portugal, sempre insaciável e sempre com a sua economia arruinada, ignorante aturdido, vítima das ambições de uns e da incapacidade de outros, sem compreender nunca a sua situação nem a política dos homens que o tem governado, incapaz de sustentar a que o favorece ou derrubar a que lhe é perniciosa», caminhou sempre a passos largos para uma decadência irreversível. «Quando enfim obteve a vitória o regime liberal» interroga-se Alberto Sampaio, «poder-se-ia entrar definitivamente na vida moderna, sem se tratar a sério das duas questões

fundamentais em que ela assenta - o trabalho que cria a riqueza nas suas múltiplas manifestações, desde a lavoura até às indústrias artísticas, e o ensino que ilumina os espíritos?». Não, com certeza, e, por isso, afirma: «Sustado no meio do seu desenvolvimento, Portugal nunca pôde na administração pública compensar a receita com a despesa, nem economicamente estabelecer o equilíbrio entre a produção e o consumo. [...] Por isso sucedem-se a miúdo as catástrofes que a população expia em silêncio; por isso os melhores tempos são sempre de uma prosperidade aparente, porque dependem de condições fortuitas, fora da sua acção. [...] Por isso quando aparecem estas situações de miséria e penúria, constantes na sua história, a população resigna-se e sofre tudo; ou emigra, acostumada como está, à aventura. [...] Os que ficam, acalentam no fundo do coração, sobre todas, qualquer esperança que não dependa da actividade colectiva, como agora a subida do câmbio no Brasil. E todos esperam, no meio de ruínas, que volte a bonança para repetirem mais uma vez a mesma norma de vida do passado». Apesar de tudo, Alberto Sampaio não é um “vencido da vida”, pois não deixa de contrariar a situação em que o país vivia, lembrando, que «ainda nos períodos de maior obscurantismo não faltam exemplos de bom governo». Exemplos como Castelo-Melhor e Pombal, que ele profundamente admira.



Paulo Vieira de Castro
advogado, presidente da direcção
da Sociedade Martins Sarmento

Alberto Sampaio, as origens agora

Em 7 de Abril de 1924, Jaime de Magalhães Lima proferiu na Sociedade Martins Sarmento uma importante conferência sobre Alberto Sampaio na qual se debruça extensamente e com grande profundidade sobre “O significado dos seus estudos na interpretação da História Nacional”. A perspectiva moderna, e inovadora, com que Sampaio aborda a História – a História de Portugal – surpreendida e assinalada desde logo e destacando-se, por todos, aquele trabalho notável de Magalhães Lima (que veio a ser publicado em edição da Sociedade Martins Sarmento) – ainda hoje se mantém exemplar e singularmente fecunda. É a história viva, das pessoas, aquela que nos diz respeito: a todos e a cada um de nós, em que podemos reconhecer-nos. Nas palavras expressivas de Magalhães Lima: *“Pela primeira vez assistimos claramente à operação magnífica que poderemos chamar a desurbanização da história nacional. Porque para nós como para todas as nações que história tenham (...) Há uma história de alfanje e penacho, pomposa e caserneira, meditada e gerada no propósito reflectido, jurídica, majestática, familiar dos tribunais e das magistraturas, uma história que passou e está escrita; e há uma história de leiva e enxada, parca, andrajosa, aquecida ao lar das cabanas, consuetudinária, submissa, ingénua, trenida da toga e refugiando-se na experiência dos homens-bons, uma história analfabeta, uma história perpetuamente actual, que se vive”*⁽¹⁾. Na lição de Alberto Sampaio, a História que interessa – que nos interessa – é a História que nos descobre as origens e nos mostra como hoje as vivemos; de nada nos serve o passado se nele não nos reconhecemos e não nos suporta o futuro.

Desta constante tensão encontram-se em Alberto Sampaio sinais permanentes e referenciais: são a orientação do seu trabalho e o enfoque da sua atitude. Em 1898, a Câmara Municipal de Guimarães, sob proposta do Dr. Alberto Campos da Silva, então seu vice-presidente, deliberou entregar à Sociedade Martins Sarmento a execução de um ambicioso projecto: à imagem dos *Portugaliae Monumenta Historica*, realizar para Guimarães a colecção sistemática das fontes (dos “monumentos” históricos) que documentam a sua História. Nos finais do século XIX, Guimarães partilhava dos movimentos que dominavam a intelectualidade da época e aqui fervilhava uma notável geração de estudiosos e investigadores que, em 1881, fundaram a Sociedade Martins Sarmento polarizados por esse vulto insigne e pioneiro da arqueologia científica, respeitado internacionalmente, que foi Francisco Martins Sarmento. Ali se destacavam, entre outros, Alberto Sampaio e o Pe. João Gomes de Oli-



Retratos de Alberto Sampaio e do Abade de Tagilde (óleos de Abel Cardoso expostos nos Passos Perdidos da SCS). Ao centro, reprodução fotográfica de um excerto da carta de Dez.10 1907 citada no texto (original do arquivo da SCS).

veira, o Abade de Tagilde, nome com que ficou conhecido para a posteridade. Ao Abade de Tagilde foi cometida a recolha documental, que ele iniciou e conseguiu levar do século IX até meados do século XIV, cujo título, após troca de opiniões com Alberto Sampaio⁽²⁾ veio a fixar em *Vimarani Monumenta Historica a saeculo nono post christum ad vicesimum*.

O trabalho do Abade de Tagilde foi publicado em 1908 e Alberto Sampaio não deixou de ir lembrando ao autor a sua perspectiva do que seria o interesse histórico relevante da colecção documental. Em carta que lhe dirige, datada de Out. 2, 1904⁽³⁾, em resposta pedido daquele, diz-lhe: “... Terá o meu amigo a intenção de coligir documentos só para a história municipal ou antes para a da sociedade que viveu no perímetro do concelho de Guimarães? – ou só da cidade, suas origens e desenvolvimento?” Patentemente, para Sampaio, qualquer recolha documental que não tivesse em vista a história da sociedade, seria redutora e menos interessante. E, mais adiante, acrescenta: “O índice remissivo no fim é indispensável, assim como expediente o dos nomes toponímicos, com a sua correspondência aos actuais”. Esta ideia do registo dos toponímicos vem a retomá-la em carta de Dez. 10, 1907⁽⁴⁾: “... Em todo o caso, lembrarei que todas as indicações, sobretudo as toponímicas, fornecidas por quem conhece a fundo a nomenclatura e topografia locais, são preciosas”; mais à frente: “... Seria ouro sobre azul um dicionáriozito de topónimos, com

*Nesta me lembrava que seria o meu sobre azul um dicio-
náriozito de topónimos, com os nomes na forma por-
tuguesa e latina dos documentos, acompanhado
de um mapa abrangendo os locais que o actual conc. de
Guim., onde se marquem as localidades mencionadas. O
Abade de Tagilde pode auxiliá-lo neste trabalho.
Criei ter respondido aos pontos principais da sua carta.
de me faltarem algum terá a bondade de me indicar.
Há muito que desejo ir a Guim.; mas tenho sido, já por causa
da inversão, já por que desejava ordenar os meus apuram-
entos para a *Carta Histórica dos Povos*: deito-me a trabalhar
nesta, e se quiserem em fazerem o meu, não se esqueça
que me dê avisos. Não se esqueça nem de me dar os
seus ordens, que dearei gostosamente cumpridos.
M.º obs.º João pelo extracto do testamento de S.º Paulo T.; e
o primeiro, de que se concluiu.
Respeito os mais afectuosos cumprimentos desde sempre
meus obsequios e dedicados Alberto Sampaio*

os nomes na forma portuguesa e latina dos documentos, acompanhado dum mapa, abrangendo mais que o actual conc. de Guim., onde se marquem as localidades mencionadas.” E, sem desânimo, porque a ideia não é uma mera curiosidade: tem fundo, Sampaio, em comentário à publicação, que fez sair na revista *Portugália*, em Julho de 1908⁽⁵⁾, desenvolve-a: “O mapa indicar-nos-á a situação dos lugares novigodos com o nome de então a par do actual, as citânias e os castros; assim teremos diante dos olhos o quadro gráfico das evoluções sociais desde o tempo proto-histórico até ao presente (...). O leitor conterrâneo poderá divisar, através de finos traços, a longa cadeia de sucessos que passaram por cima da sua terra; verá como o nome do obscuro lugar, em que habita, possui antiquíssima linhagem; e mais que nunca amará o torrão onde persiste sempre a sua raça, apesar das mutações políticas.” (no entanto, o mapa não chegou a ser publicado).

É a mesma ideia que subjaz a outra recomendação que também se encontra na carta de Out.1904: “Todos os documentos relativos à transmissão de propriedades, ou sejam intramuros ou fora, são sempre interessantes; e esses valia bem a pena publicá-los na íntegra...”

Quando, na sua obra *monumental* “As Vilas do Norte de Portugal”, Sampaio nos expõe a evolução das estruturas fundiárias, da sua distribuição e denominações, permite-nos, nos dias de hoje, perceber as realidades com que nos deparamos, o porquê



Maria Inês Cordeiro
Biblioteca Nacional de Portugal

Raízes

*Uma sociedade não rebenta espontânea do solo
nem se forma de jacto. A árvore, antes de crescer,
florir e frutificar, tem de se enraizar
profundamente para haurir os princípios
constitutivos.*

Alberto Sampaio, 1892¹



(Sociedade Martins Sarmiento).
(Sociedade Martins Sarmiento).

de algumas sobrevivências estranhas, por exemplo, distinguir entre uma quinta e um casal ⁽⁶⁾. Ou - mais importante - os factores gregários que permitiram manter a coesão das populações e as referências locais que ainda hoje sobrevivem aqui e ali, apesar das vicissitudes políticas e, mais actualmente, das pressões da “globalização”.

Que quer afinal Alberto Sampaio? Mostrar-nos a verdadeira História, aquela que nos pertence, a que em verdade nos identifica e nos permite conhecer-nos.

Não se trata de uma ingénua entronização do “povo” ou de uma mitificação de virtudes e vãs glórias: é tão somente assentarmo-nos na realidade, naquilo que é perene e consistente.

Esta “filosofia da história” esclarece tudo, poderá mesmo esclarecer resistências ou afirmações colectivas (independentemente das valorações que delas possamos fazer). Explicará como se tornou hoje confusa e ansiosa a busca das origens ante realidades novas e cada vez mais avassaladoras.

NOTA

⁽¹⁾ Lima, Jaime de Magalhães “Alberto Sampaio e o significado dos seus estudos na interpretação da História Nacional”, Guimarães, ed. Sociedade Martins Sarmiento, 1924

^{(2), (3) e (4)} seguiram-se ou transcreveram-se excertos dos textos fixados dos originais por Emília Nóvoa Faria e António Martins na sua obra “Cartas de Alberto Sampaio”,

Ribeirão, Ed. Húmus, 2009

^{(5) e (6)} Sampaio, Alberto “Obras”, introdução de José Amado Mendes, Guimarães, ed. Sociedade Martins Sarmiento, 2008

Alberto Sampaio é um homem de raízes. A terra e as suas gentes são a paisagem que interpreta, com a proximidade real da experiência direta mas procurando sempre as raízes mais profundas que podem esclarecer, ou justificar, certos contornos da sociedade que só uma leitura atenta do território, da sua evolução e organização, deixa descobrir.

O seu tempo e geração são os dos alvores da arqueologia portuguesa que, a partir da sua região natal, cedo grangeou fama além fronteiras. Mas são também os de uma cultura em que emerge a preocupação filosófica e científica das origens, da procura de matrizes de identidade. Entre destacadas figuras dum largo e variado círculo cultural que rompe com o pensamento tradicional - como Eça, Antero, Teófilo Braga e Martins Sarmiento - Sampaio viveu de perto, integrou e contribuiu para essa cultura diferente e marcada, entre outros aspetos, por uma nova dimensão temporal e social da história que veio abrir caminhos à multiplicidade de perspetivas, à interdisciplinaridade do conhecimento.

Alberto Sampaio desbravou esses caminhos aliando vasta erudição, e meticulosa pesquisa de fontes, a um profundo conhecimento do universo rural

e uma rara intuição. Qualidades com que o seu espírito aberto traçou os fundamentos originais do seu pensamento, desde *A propriedade e a cultura no Minho*: uma abordagem global que ligava as características do meio natural, os movimentos etnográficos e sucessos históricos da passagem de diferentes povos, para entender o curso das transformações sociais e interpretar os costumes, o espírito e as instituições das gentes duma região. Ou, como no clarividente ensaio *Ontem e hoje*, de toda uma nação.

É nessa abordagem global, portadora de “luminosas revelações”, que Luis de Magalhães situa o contributo original do historiador: “Entre a obra arqueológica de Martins Sarmiento e a obra histórica de Hercu-

lano, a de Alberto Sampaio interpõe-se como um nexu, uma ligação que as conjuga, as une e lhes dá continuidade, fazendo desaparecer um grande hiato de treva, de incerteza e de ignorância”²

Breve mas sólida, calma e discretamente amadurecida, a obra de Alberto Sampaio reflete, de certa maneira, o que imaginamos ter sido a personalidade do autor. Pouco dado a notoriedades, construiu-a para satisfação da sua multifacetada curiosidade intelectual. Sem agendas, elaborando reflexivamente nas questões históricas que o atraíam com o mesmo interesse natural com que meditava sobre o ambiente rural enquanto cuidava dos trabalhos agrícolas da sua casa.

Como uma “espécie de beneditino recolhido na sua modéstia e na sua desambição que eram tão grandes como a sua inteligência e o seu carácter”³. Assim o via Luís de Magalhães, que se impôs reunir em publicação póstuma a obra dispersa de Alberto Sampaio para a levar a um público alargado. Dessa forma lhe deixou reconhecido um lugar pioneiro na história económica e um registo indelével na genealogia dos intelectuais que se proponham estudar a sociedade portuguesa e a sua evolução numa perspetiva multidisciplinar e, a um tempo, global e local.

No ano em que se celebram 175 anos do nascimento de Alberto Sampaio, e passado já o centenário da sua morte, esse reconhecimento permanece nítido, tanto quanto a sua obra ainda hoje surpreende e perdura, fortemente inspiradora.

NOTA

¹ “A propriedade e a cultura no Minho”. In *Estudos Históricos e económicos*, Porto, Liv. Chardron, 1923, vol. 1, p. 454.

^{2,3} Luís de Magalhães - “Alberto Sampaio e a sua obra”. Op. cit., pp. XXVI, VIII.



Artur Anselmo
Academia das Ciências de Lisboa

A lição de Alberto Sampaio

De si mesmo dizia Alberto Sampaio que “não era político”; mas isso não significava que estivesse afastado dos problemas suscitados pela actividade dos políticos, como lembrava Rodrigues Cavalheiro num ensaio que, em 1953, intitulou precisamente “A política de Alberto Sampaio”. De facto, se o “historiador das instituições rurais” - como o apelidou Franz-Paul Langhans - não interveio nunca directamente na vida político-partidária e recusou mesmo convites que nesse sentido lhe foram dirigidos por alguns amigos do peito (Antero, Oliveira Martins ou Luís de Magalhães, entre outros), a verdade é que acompanhou, desde os tempos de Coimbra até à sua morte, as experiências que, ao longo de cerca de trinta anos, precederam o famoso encontro dos *Endireitas* em Moreira da Maia, no qual participaram, além de Alberto Sampaio e Luís de Magalhães, dois dos mais esperançosos talentos políticos dos fins do século XIX: João Franco e Mouzinho de Albuquerque.

O seu carácter reservado, bem como a profunda convicção de que o país estava política e moralmente desgastado, levaram Alberto Sampaio a afastar-se de todo e qualquer protagonismo. Como historiador, responsável por um trabalho gigantesco de análise da documentação em boa hora coligida por Alexandre Herculano nos *Portugaliae Monumenta Historica* (sobretudo nos “Diplomata et Chartae”), harmoniosamente conjugada com o trabalho-de-campo, sempre lhe parecera invio o caminho tomado pela grei após a monarquia afonsina. Bem antes de João Lúcio de Azevedo ou António Sérgio, já no seu texto clássico “Ontem e Hoje” Alberto Sampaio deixara bem vincada a ideia de que a guinada ultramarina iniciada com a política de extroversão contribuíra para desorganizar o país e transformá-lo numa “sociedade de aventureiros”.

A sua receita de equilíbrio era bem conhecida: “Viver, com a parcimónia que nos resta, a vida de um povo civilizado”. Receita para ontem e para hoje.



Isabel Maria Fernandes
directora do Museu de Alberto Sampaio (DRCN)

Os Livros de Alberto Sampaio: o guardar da memória e de muita sabedoria

O Museu de Alberto Sampaio, criado em 1928 e aberto ao público em 1931, tem como patrono um ilustre vimaranense - Alberto Sampaio. O edifício e as coleções nada têm a ver com Alberto Sampaio. O edifício albergava a Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira e as coleções são de arte sacra, provenientes principalmente do espólio da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira e de outras igrejas do concelho de Guimarães. Se quisermos estabelecer algum tipo de ligação entre o espaço ocupado pelo museu e a pessoa de Alberto Sampaio, basta recordar que este ilustre vimaranense foi batizado na Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, a 15 de Novembro de 1841.

Atribuir a um museu de arte sacra o nome de Alberto Sampaio tem a ver, sem dúvida, com a vontade dos vimaranenses da época em perpetuar, para memória futura, o nome de um ilustre filho da terra que «por obras valerosas, se vai da lei da Morte libertando»¹. Lembremos que, em 1928, quando é criado o Museu de Alberto Sampaio, já existia a Sociedade Martins Sarmento, fundada em 1881, também esta homenageando outro ilustre vimaranense.

Em 25 de maio de 2015, a família de Alberto Sampaio, com uma enorme generosidade, oferece a sua biblioteca ao Museu que dele possui o nome. Deste modo, passou a ser possível a fruição pública dos livros que, ao longo dos anos, através de compra ou recebidos por oferta, Alberto Sampaio foi reunindo. A biblioteca de um homem não é um simples somatório de livros. Trata-se de uma equação complexa, na qual as *variáveis* nos ajudam a conhecer o homem que está por detrás da sua criação e a compreender as *incógnitas* dessa mesma equação. A biblioteca de Alberto Sampaio permite-nos saber quais os temas que mais lhe interessaram, quais as leituras que estão por de-

trás dos seus escritos, e, o que não é menos importante, saber quem foram os seus amigos, aqueles que lhe ofereciam livros, nos quais apunham dedicatórias. Os livros de Alberto Sampaio permitem-nos saber o que lia - alguns dos livros têm as suas anotações pessoais, e, por vezes, um ou outro pequeno desenho, manuscritas sempre a lápis, numa letra miúda e precisa.

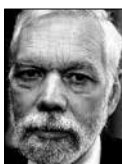
Hoje, a Biblioteca de Alberto Sampaio encontra-se preservada numa das Reservas do Museu de Alberto Sampaio, sita no Palacete da Praça de Santiago. Tem sido tratada pelas técnicas do Museu e encontra-se disponível na PORBASE desde há vários anos. A sua consulta *in loco* é possível a qualquer investigador que a queira consultar. Compete-nos a nós que trabalhamos no Museu de Alberto Sampaio manter viva a memória do nosso patrono e facultar a quem nos procura os livros que este foi reunindo ao longo de uma vida.

Acreditamos que Alberto Sampaio ficaria agradado em saber que a sua biblioteca está hoje disponível para quem a quiser consultar. Acreditamos também que faria suas as palavras de André Maurois: «*Nada é mais importante para a humanidade do que disponibilizar, a todos, estes [os livros] instrumentos de superação, de evasão e de descoberta, os quais transformam, à letra, a vida e ampliam o valor social do indivíduo. A única maneira de o fazer é a biblioteca pública*»².

NOTA

¹ Recorremos a palavras de Luís de Camões, em «Os Lusíadas», passando o verbo de plural a singular. Na origem é «*E aqueles que por obras valerosas / Se vão da lei da Morte libertando*».

² André Maurois - André Maurois parle des livres e des bibliothèques. *Le Courrier: une fenêtre ouverte sur le monde*. 14:5 (1961). P.6.



José Mattoso
historiador

Autor de obra precoce

«Depois de Gama Barros, o único medievalista dos fins da monarquia que merece ser mencionado é, naturalmente, Alberto Sampaio. A sua obra, ainda hoje com muitos elementos válidos, excepcionalmente precoce para a sua época, quase só foi, porém, conhecida de alguns poucos especialistas antes de 1923 e pouca influência exerceu em obras de síntese, exceptuando o ponto preciso da sua opinião acerca do eramento. A sua contribuição mais válida situava-se no plano da história rural e no âmbito das estrutu-

ras económico-sociais que afinal só vieram a ser cultivados depois da Segunda Guerra Mundial. [...] os estudos, já quase centenários sobre *As Villas do Norte de Portugal* e *as Póvoas Marítimas* são fundamentais para compreender o que se passa no Entre Douro e Minho a região por excelência do regime senhorial.»

“**Perspectivas actuais de investigação e da síntese na historiografia medieval portuguesa (1128-1383)**” in *Revista de História Económica e Social*, 9 (Janeiro-Junho 1982)

Ana Cláudia Silveira é a vencedora do Prémio de História Alberto Sampaio de 2016

Galardão representa “incentivo para continuar a trabalhar”

Ana Cláudia Silveira é a vencedora da edição de 2016 do Prémio de História Alberto Sampaio no ano do regresso do galardão, depois de sete anos de interregno na sua atribuição. Com formação em História, é investigadora na sua área de formação e reconhece – em entrevista ao jornal As Artes entre As Letras, por e-mail – que o prémio é “uma grande honra e um enorme incentivo para continuar a trabalhar”.

Isabel Fernandes

Que significado tem receber um prémio que pretende homenagear um nome maior da investigação histórica em Portugal?

Receber o Prémio de História Alberto Sampaio, ainda para mais no ano em que se comemoram 175 anos sobre o seu nascimento, constitui uma grande honra e um enorme incentivo para continuar a trabalhar, na certeza de que o desenvolvimento de investigação histórica representa um contributo societário importante, diria mesmo imprescindível, à reflexão da sociedade sobre si própria. Além do mais, Alberto Sampaio foi, na transição do século XIX para o século XX, um renovador no âmbito da historiografia portuguesa, promovendo um alargamento de temáticas, não só no que respeita à elaboração de ensaios no domínio da história rural, mas também no estudo dos núcleos urbanos costeiros, tema que me interessa de modo particular, sendo o seu trabalho considerado percursor na história económica portuguesa, abrindo perspectivas que viriam mais tarde a ser desenvolvidas por figuras fundamentais da historiografia portuguesa como Virgínia Rau ou Vitorino Magalhães Godinho. O rigor epistemológico e metodológico dos seus trabalhos, a contextualização geográfica que os caracteriza e o recurso a fontes de diversas tipologias, incluindo informação arqueológica, são aspectos reconhecidos como inovadores na obra que nos legou, a qual permanece como uma referência incontornável sobretudo no que respeita ao noroeste do território nacional. Paralelamente, a discricção que pautou a vida e o trabalho de Alberto Sampaio, a par com o empenho cívico que demonstrou, são aspectos que me parecem de realçar e que pessoalmente admiro.

No entender de Oliveira Martins, este prémio “dignifica” Alberto Sampaio. Vencer o prémio é uma contribuição no sentido da dignificação do autor?

Sobre o contributo que o trabalho que desenvolvo representa, prefiro que sejam os leitores a fazerem essa avaliação. Considero que me encontro ainda numa fase prematura da minha actividade de investigação e há ainda muitos assuntos aos quais gostaria de dedicar atenção. Pessoalmente, nunca



estou satisfeita com o que faço e considero sempre que há muito mais a fazer.

Desde 2008 que o prémio não era atribuído; nesta reabilitação foi revisto o regulamento e entregue a tutela científica à Academia das Ciências de Lisboa. Considera o envolvimento desta instituição como uma mais-valia para a afirmação do prémio?

A Academia das Ciências de Lisboa, que teve a sua origem em 1779 com a fundação da então Academia Real das Ciências de Lisboa, é uma instituição de enorme prestígio e que tem tido um papel de máxima relevância no impulso da investigação científica em Portugal, nos vários domínios do saber, incluindo a História, tendo constituído e preservado um acervo arquivístico e bibliográfico de grande importância e promovendo ao longo dos anos a divulgação do saber científico através da realização de conferências e da publicação de obras, incluindo-se neste domínio a edição de importantes colectâneas de fontes documentais de que os *Portugaliae Monumenta Historica* constituem um dos possíveis exemplos. Penso que a associação desta instituição aos municípios instituidores do prémio de História Alberto Sampaio contribui para a sua maior divulgação e para amplificar o prestígio que já lhe estava associado.

Fale-nos um pouco do trabalho que submeteu a

concurso e que saiu vencedor nesta edição do Prémio de História Alberto Sampaio.

Trata-se de um trabalho centrado na produção e no comércio de sal em Portugal no final da Idade Média, em particular sobre o sal de Setúbal, região que constituiu uma das mais importantes áreas produtoras no nosso País desde finais da Idade Média. Além de questões inerentes à exportação desse produto, procurou-se abordar ainda aspectos relativos ao enquadramento jurídico e fiscal da sua produção e comercialização, através da análise dos capítulos de Cortes referentes a este artigo, o qual teve um peso económico significativo no nosso País e no respectivo comércio externo.

Diga-nos, resumidamente, quem é a vencedora deste prémio.

Licenciei-me em História na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1994 e permaneço ligada a esta instituição, onde me encontro a concluir o doutoramento em História Medieval sob orientação da Professora Doutora Amélia Aguiar Andrade, desenvolvendo um estudo centrado na vila portuária medieval de Setúbal e na sua inserção nos domínios jurisdicionais da Ordem Militar de Santiago.

Paralelamente, sou investigadora integrada do Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa e desempenho funções como técnica superior de História numa autarquia da área metropolitana de Lisboa, onde me tem sido possível desenvolver investigação relativa ao património e aos recursos associados aos espaços litorais, assunto que me tem entusiasmado, tendo ao longo dos últimos anos dedicado uma atenção particular à edificação de moinhos de maré em Portugal.

O regresso do prémio...

Depois de um interregno de sete anos, o Prémio de História Alberto Sampaio voltou a ser atribuído. Com um novo regulamento, o prémio continuará a ser bianual. O objectivo é homenagear a figura de Alberto Sampaio e incentivar os estudos de investigação histórica, no âmbito económico e social, sem excluir outros domínios associados ao legado do historiador. No ano em que se comemoram os 175 anos do nascimento, o galardão foi reabilitado e, de entre as mudanças nos regulamentos, destaque para a inclusão da tutela científica que ficará a cargo da Academia das Ciências e a inclusão do município de Braga às entidades instituidoras originalmente a cargo as autarquias de Vila Nova de Famalicão e de Guimarães.

**Vasco Rosa**pesquisador literário e editor,
vr.janelasverdes@gmail.com**Raul Brandão e o Porto (17)**

O talento dos narradores

*A Matilde Gazeau Frade,
estudante de literatura*

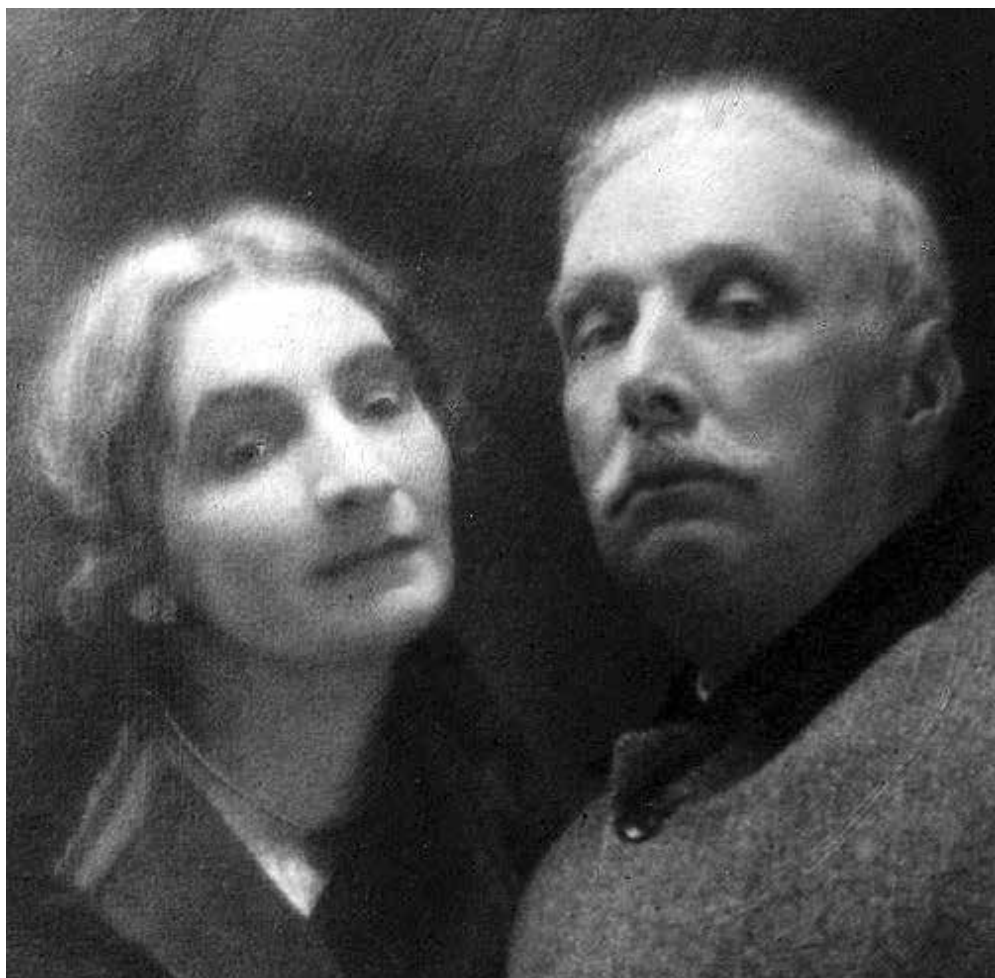
O bom daquilo a que chamei arqueologia literária é que inesperadamente nos podemos confrontar com uma descoberta que nos reenvia para outra, mais outra e mais outra ainda, até conseguirmos reconstruir algo que traz novidades acerca dum autor que estudamos. Documentos ocultos em caixas de arquivo, artigos de imprensa jamais indexados em bibliografias e uma pequena pilha de livros sobre a mesa de biblioteca que nunca imaginávamos folhear podem conduzir-nos até a um pleno reconto, algo que se solidifica como pequena peça de *puzzle* que ainda não houvesse sido vista e posta no seu devido lugar.

Para que tudo isso possa ocorrer e tenha afinal o desejável efeito prático de ser lido e conhecido por outros - sendo-lhes útil -, é preciso que haja um jornal ou revista dispostos a acolhê-lo, e eis a razão pela qual, a seis meses do sesquicentenário do nascimento de Raul Brandão, eu quero agradecer efusivamente ao *As Artes entre As Letras* a oportunidade - e o estímulo - que me deu ao longo de três anos, para que pudesse apresentar aqui, com impecável pontualidade mensal, grande parte das minhas caturrices brandonianas, sobre as quais parece justo dizer-se que trouxeram algo mais à biografia e à história da recepção e edição de Raul Brandão: quatro anos depois de, em Março de 2013, ter reunido os dispersos do escritor de 1891 a 1930, somando 500 páginas, vou publicar na Imprensa Nacional todo este novo ciclo de trabalhos sobre a sua vida, obra e recepção, um livro que rondará 400 páginas.

Deste modo, as próximas comemorações brandonianas - quaisquer que elas sejam e onde quer que venham a ter lugar - vão poder fazer-se a partir de um *patamar mais elevado* de conhecimentos acerca do escritor, não se limitando a uma reavaliação mais ou menos polida, mais ou menos refrescada, dum «estado da arte» afinal antiquado em pelo menos duas décadas. E se assim for, como acredito que será, isso fica a dever-se - desde já - também ao Porto, isto é, a um jornal do Porto (que também é *cidade*, naturalmente). Ponto.

Para que se veja quanto ainda pode ser descoberto sobre Brandão, vou contar um caso especial.

Apesar de retirados numa pequena aldeia minhota, Raul e sua mulher Maria Angelina frequentavam assiduamente, como é conhecido, os Pas-



coaes, os Bordallo Pinheiro e os Carneiro - assim se entende melhor, por exemplo, a colaboração de Carlos Carneiro (1900-71) como capista ou ilustrador de alguns dos seus livros,¹ e que Raul, tendo começado a pintar durante umas férias em Gatão (Amarante), o tenha feito no atelier de Columbano. A partir de agora, correspondência pessoal e artigos de imprensa, devidamente cruzados, permitem-nos juntar àqueles Ana de Castro Osório e os seus filhos José e João, pelo menos no ano 1930 e a pretexto de *Portugal Pequeno*.²

Publicado a custas de Raul e Maria Angelina, este livro infantil foi impresso nas oficinas da Renascença Portuguesa e teve durante vários meses considerável apoio da *Seara Nova*, quer em anúncios, quer no *clipping*, destacado em páginas de abertura, de seis ou sete críticas que lhe foram dedicadas em jornais de Lisboa e do Porto.³ A primeira delas, a 20 de Fevereiro, é precisamente de José Osório de Oliveira (1900-64), e a última, a 18 de Setembro, de Ana de Castro Osório (1872-1935).

Todas aparecem com origem identificada, mas a dela não, parecendo tratar-se de uma colaboração original.

Desde 22 de Junho que Ana de Castro Osório escrevia n' *O Primeiro de Janeiro* uma série de artigos mensais acerca de literatura infantil,⁴ de considerável fôlego temático, que começou nessa data por «Bibliotecas infantis», continuou com «Os narradores» a 24 de Julho e chegou a «A leitura das crianças» a 28 de Agosto.⁵ No segundo desses artigos - e um tanto inesperadamente, pois nunca antes ou depois se refere a obras concretas - pode ler-se: «Para que um livro seja bom para as crianças, é necessário que alargue a sua visão da vida e dê asas para a fantasia, que é a maior força da inteligência. Mas, para que os livros e as histórias transmitidas possam exercer a sua acção benéfica no espírito das crianças e nos ouvintes sem a complexidade intelectual da cultura já adquirida, é preciso o talento dos narradores, a subtileza dos educadores, raros como tudo quanto é superior. - Eis o

motivo por que respondemos à dúvida expressa nas palavras de apreço e tão comovedoras na sua injustificável modéstia de Raul Brandão e D. Maria Angelina: “Os sete anos da Ana Maria compreendem e apreciam o *Portugal Pequeno* porque têm a voz carinhosa da avó a guiá-la...”.

Em carta escrita ainda em Julho, e hoje conservada no arquivo Castro Osório, na Biblioteca Nacional, Maria Angelina felicita Ana pelo seu «magnífico artigo» e agradece-lhe a «amizade» e «amabilidade» que aquela referência provava, esclarecendo-nos: «Nesta solidão de aldeia recordamos sempre com saudade a tarde tão boa, tão cheia de encanto, passada ao vosso lado, e a ternura e carinho com que fomos acolhidos».

Foi certamente essa tarde a ocasião em que *Portugal Pequeno* chegou às mãos da «iniciadora da literatura infantil portuguesa» (sic) e logo ali foi lido diante dos seus autores à filha de José Osório de Castro Oliveira, Ana Maria. No artigo da *Seara Nova* consta: «Eis o motivo por que, ao chegar-nos às mãos o garrido *Portugal Pequeno* com o simbólico azul do nosso céu e o branco da espuma do mar, onde as andorinhas voltam alegremente em cada primavera, os quase sete anos de Ana Maria foram chamados a julgamento. - O resultado foi superior à expectativa, porque a sua leitura foi um deslumbramento para a sua curiosidade de ouvinte. - As frases curtas, sugestivas, só feitas de sensibilidade, de pensamento e de talento que é a prosa de Raul Brandão, que o fiozinho de ouro da colaboração tão preciosamente ligam num bordado admirável, sentiu-as e compreendeu-as a criança, melhor do que certos presumidos grandes, na sua relação com a vida. - O que para a inteligência complexa e já equilibrada pode ser um defeito, é para a sensibilidade da criança uma fonte maravilhosa de sugestões, no mundo em que tudo é novidade e curiosidade. [...] Sim, é um bom livro para crianças, porque é um livro que as ensina a pensar, que lhes dá a vi-

são interior, que lhes alarga o sentimento e as debruça na vida com a sensibilidade das pequenas coisas e largamento das grandes. - Como alguns contos do imortal Andersen, por exemplo, a história tragicómica duma agulha, a duma corriqueira moeda de prata, que tão amargamente faz sentir o isolamento do anónimo exílio, ou a do orgulho fútil duma pobre flor de cardo, este livro é precioso para as crianças, pelo alargamento da sua visão e da sua sensibilidade inteligente sem pieguismo doentio. - Mas duvidam ainda os seus autores: “É que os sete anos de Ana Maria têm a voz e a inteligência carinhosa que os vão guiando através da leitura”».

A indissociável continuidade entre os artigos do *Janeiro* e da *Seara* fica comprovada pela frase comum - «Ah, mas isso é outra história» -, interrogativa da importância dos narradores como educadores. Dir-se-ia mesmo que, tendo essa leitura do livro à neta sido feita no início de Junho (Raul e Maria Angelina saíram da capital a 17), o profundo estampilho para esta imediata série de artigos de Ana de Castro Osório foi dado pela «tão modesta quanto injustificável dúvida» dos autores de *Portugal Pequeno* sobre «se realmente seria um livro para as crianças», colocada aquando da oferta em mãos dum exemplar. Com a revista da Renascença Portuguesa a fazer eco contínuo de comentários variados à surpreendente tentativa do autor do «negro» *Húmum* escrever «para os filhos dos outros», o livro vinha ao encontro das próprias ideias da escritora e activista social: «Em geral, quando se fala em livros para crianças, a maior parte da gente supõe que se trata de banalidades vazias de sentido, cheios de erros e de moralidade idiota à força de comezinha, vulgar no sentido e na forma e da qual as crianças se riem, porque as crianças, ao contrário do que vulgarmente imaginam os que não as conhecem, gostam de ser tomadas a sério e que a sério lhes falem».⁶

Uma segunda carta de Maria Angelina, de Agosto, refere-se a um artigo recebido e que foi reencaminhado para Câmara Reys, secretário da *Seara Nova*, com um pedido de publicação. Parece evidente tratar-se do citado artigo, escrito para sair n' *O Primeiro de Janeiro* na última semana de Setembro, e que acabaria no número da revista da Renascença Portuguesa publicado no dia 18, e colocado em diálogo directo com todas as outras abordagens de *Portugal Pequeno* aí repercutidas, onde passou a ganhar um outro enquadramento cultural, ainda que desligado das anteriores reflexões lançadas às páginas do grande diário portuense.⁷

Uma terceira carta, de 10 de Outubro, faz saber que o casal não ficara inteiramente satisfeito com *Portugal Pequeno*: «Estamos hoje persuadidos de que o livro precisa de grandes modificações, cortes no descritivo, mais vida e interesse, etc. E assim faremos se Deus nos der vida e saúde e se se chegar a fazer nova edição.»

Maria Angelina também envia «beijos sem fim para a sua encantadora Ana Maria», primeira filha de João de Castro Osório (1899-1970), de acordo com fonte familiar. Em carta para Maria Angelina, datada Estoril, 22 de Fevereiro de 1932, e hoje conservada na Sociedade Martins Sarmento, nas linhas finais Ana de Castro Osório escreve: «Beijos da pequenina leitora do seu livro para os pequeninos», relembrando essa já distante tarde de Junho de 1930...

Vasco Rosa

NOTA

¹No verão de 1929

Carlos Cameiro passou uma temporada na Casa do Alto, lendo e desenhando para este livro infantil.

²A morte de Raul Brandão a 5 de Dezembro de 1930 impediu que esses laços crescessem com o tempo.

³Excepção feita a «Um belo livro», assinado por H. C., saído na primeira página d' *O Primeiro de Janeiro* de 18 de Abril de 1930.

E dum texto de Fernando Homem Cristo n' *O Povo de Aveiro* de 20 de Julho, p. 2.

⁴Esta série de artigos passou despercebida à autora de uma tese de mestrado sobre o tema orientada na Universidade Nova de Lisboa por João Luís Lisboa.

Refiro-me a *Ana de Castro Osório: escritora e editora para crianças* de Inês Neto, Lisboa, 2008, 59 fls.

⁵Não me preocupei em verificar se continuou para além do fim de Setembro.

⁶Ana de Castro Osório também esclarece: «O motivo porque as crianças adoram os contos da tradição popular, indispensáveis ao desenvolvimento da sua inteligência,

não é porque eles sejam inferiores e fúteis na sua efabulação, como julgam os ignorantes que pretendem de sábios, mas exactamente porque são grandes na elevação

e no alargamento da fantasia e mergulham na profundidade da alma, que é a tradição, a história de toda a humanidade através dos séculos. — Debruçadas nessas

pequenas janelas abertas para o infinito, as crianças revivem inconscientemente toda a vida do passado a que pertencemos e que não é possível cortar sem mutilar a

nossa alma e reduzi-la à inconsciência bestial.»

⁷A carta de Agosto também é significativa da tensão vivida pelo escritor imerso na versão final de *O Pobre de Pedir* («O Raul está bastante preocupado com o seu novo livro e não conta tê-lo terminado antes dessa data», fins de

Novembro, como viria a suceder) e do apreço que tinha por José Osório de Oliveira («Meu marido pede-lhe o favor de dizer a seu filho que nunca o esquece e que lhe deseja todas as felicidades de que é digno. Se os noivos vierem ao Norte, cá os esperamos sem falta neste cantinho»).

Uma carta inédita

De Maria Angelina Brandão a Ana de Castro Osório

Nespereira, 10 de Outubro de 1930

Minha senhora e querida Amiga

Só hoje lhe agradecemos o seu belo artigo publicado no penúltimo número da *Seara*, porque temos estado em plena vindima, o que dá muito trabalho mesmo numa pequena lavoura como a nossa. Muito e muito obrigada e creia que me sinto orgulhosa pela sua amizade que tanto me honra e que eu muito e muito estimo.

Estamos hoje, porém, persuadidos de que o livro precisa de grandes modificações, cortes no descritivo, mais vida e interesse, etc. E assim faremos

se Deus nos der vida e saúde e se se chegar a fazer nova edição. Seja como for, muito lhe agradecemos a sua bondade e a sua amizade, enquanto pessoalmente o não fazemos em Lisboa, o que não demorará muito.

O Raul manda muitas saudades a seu filho José e ambos lhe desejamos todas as felicidades, uma ventura eterna. Beijos sem fim para a sua encantadora Ana Maria e cumprimentos nossos para todos V. Exas.

Creia-me sua muito admiradora e amiga
Maria Angelina



J. A. Gonçalves Guimarães
Mesário-mor da Confraria Queirosiana



Eça & Outras

Do Realismo ao pós-Neorrealismo

Eça de Queirós nasceu em 1845, pouco depois da frequência obrigatória do ensino primário ter sido estabelecida por decreto, o que demorará décadas a ser verdade. Viveu numa época em que tudo era interrogado e equacionado, nomeadamente a Literatura. Escrevia-se para quê? Para entreter ócios? Para “dar brilho à pena”? Para alardear erudições? Para descarregar frustrações? Para ganhar a vida? Tudo isto foi questionado pela Geração de 70 saída, com bastante ruído, da Universidade de Coimbra. Antero escreve *A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais* em 1865 e no ano seguinte Eça publicará na *Gazeta de Portugal* os seus primeiros textos “diferentes”, que no ano seguinte largamente praticará no *Distrito de Évora*. Buscava então novos caminhos, que ensaia em 1897 em *As Farpas* e teoriza nas Conferências do Casino com «A Nova Literatura ou o Realismo como nova expressão de Arte». É sabido o que veio a seguir com os seus romances *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* e outros, onde o desespero das classes populares está sempre presente, ainda que secundarizado pelos “dramas” das classes média e alta.

Mas no final do século XIX reaparecem os escritores preocupados com os suspiros das donzelas e outras banalidades expressas em exotismos, parnasianismos, simbolismos, modernismos e nacionalismos, que pouco tinham a ver com o quotidiano das pessoas comuns e a sua luta pela sobrevivência. Este panorama literário estéril, de jogos florais, que tinha no escritor Júlio Dantas o seu expoente máximo, mas que também encontramos em muitos outros seus contemporâneos e atuais, alguns deles muito endeusados pela opinião pública letrada, nos anos trinta do século XX vai mudar radicalmente quando o sofrimento dos pobres e das classes trabalhadoras em geral passa a ser objeto literário corrente. Chegou-se assim ao Neorrealismo, e retomou-se, diferentemente embora, o caminho desbravado por Eça de Queirós, que por isso alguns intelectuais tentaram “domesticá-lo” no Centenário de 1945. Um dos precursores deste movimento foi o escritor Afonso Ribeiro, de quem já aqui falamos, e que hoje importaria reeditar e voltar a ler, quando os pobres, os refugiados, os migrantes, os desempregados, os excluídos, continuam a ser todos os dias ameaçados e perseguidos por uma nova e mais perversa organização social que domina o mundo, em nome do “desenvolvimento”, a partir das grandes capitais ou de pequeníssimas ilhas privadas.

Nascido em 1911 na Vila da Rua, Moimenta da Beira, frequentou o Seminário e a Escola do Magistério Primário. Em 1937 era colaborador do jornal *Sol Nascente* do Porto, onde estreava uma nova visão literária sobre a vi-

da das classes excluídas que em 1938 apresenta no livro *Ilusão na Morte*, sendo por isso considerado um dos precursores do neorrealismo português, tendo em conta que naquele mesmo ano Alves Redol publica *Glória* e em 1939 *Gaibéus*, enquanto *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes, só aparecerá em 1941.

Em 1939 vai para o Brasil mas, não tendo conseguido visto de permanência, volta nesse mesmo ano, pois os tempos por ali também estavam conturbados devido às tentativas ditatoriais de Getúlio Vargas para a criação de um Estado Novo brasileiro.

Regressado a Portugal e ao ensino, fixa-se em Vila Nova de Gaia, tendo lecionado na escola primária de Vilar do Paraíso, bem assim como sua mulher Otilia Leitão, também ela professora da instrução primária. Em 1946 é um dos signatários de uma exposição enviada ao ministro da Educação Nacional sobre a «difícil situação económica do professorado português», subscrita por docentes dos ensinos particular, técnico, liceal e superior. Em novembro desse mesmo ano é também um dos muitos signatários de outra exposição, desta feita enviada ao presidente da República, general Carmona, intitulada «Os intelectuais portugueses protestam» sobre as condições de repressão e censura de que eram alvo e a liberdade de expressão e de associação que lhes era negada, na qual encontramos escritores, jornalistas, artistas, arquitetos e criadores intelectuais, subscrita por António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Eugénio de Andrade, Fernando Azevedo e Fernando Lopes Graça, entre muitos outros. No ano seguinte parte com a sua mulher para Moçambique, onde teve várias profissões e continuou a sua atividade de escritor, só regressando de novo a Portugal em 1976, fundando em Lisboa a Editorial Notícias, ligada ao *Diário de Notícias*, vindo a falecer em Cascais em 1993. Em 2011 a Câmara Municipal de Moimenta da Beira comemorou o centenário do seu nascimento, colocando uma lápide na casa onde nasceu.

Enquanto residiu em Vila Nova de Gaia, para além de artigos e crónicas dispersas por várias publicações, escreveu *Plano Inclinado*, romance, 1941; *Aldeia*, romance, 1943; *Trampolim*, romance, 1944; *Povo*, contos, 1947. Ainda em 1946 tinha aqui iniciado, com o romance *Maria*, a publicação de uma trilogia intitulada *Escada de Serviço*, vindo o segundo romance, *O Pão da Vida*, a ser publicado somente em 1956 em Lourenço Marques, e finalmente em 1959 *O Caminho da Agonia*, também publicado naquela colónia. É assim a década de quarenta o período mais fecundo deste escritor, hoje pouco recordado, até porque em todas as suas páginas lembra misérias e condições sub-humanas que ainda hoje existem entre nós e não são bonitas de ver, de ler ou sequer de

se saber que existem. Mas ele é, inequivocamente, um dos pioneiros do romance social em Portugal. Os cenários e personagens das suas obras, embora podendo ser colocados em qualquer grande cidade e nos seus arrabaldes, foram obviamente colhidos na sua vivência local como o denunciam certos pormenores do texto. A exceção é o romance *Aldeia*, o qual, com os mesmos cuidados de universalização, se reporta à sua terra natal na Beira Alta.

Prosa crua e dura, chocante mesmo na sua crueza, mas tristemente verdadeira nos retratos que traça da maior parte das crianças, homens e mulheres que viveram no tempo da 2.ª Grande Guerra, que as gerações de hoje até talvez tenham dificuldade em acreditar que existiram, porque os pobres e os excluídos atuais são já muito diferentes daqueles outros, pois dão entrevistas na televisão e são referidos em todos os discursos políticos, acabando por originar empregos para a classe média baixa, tais como polícias, professores, assistentes sociais, psicólogos, enfermeiros, médicos, advogados, informáticos e outros que fazem a gestão do seu quotidiano, absorvendo as verbas que eventualmente poderiam contribuir para que os excluídos mudassem de situação. E, além do mais, os pobres hoje são numerosos e votam, naturalmente de acordo com os interesses das classes “dirigentes” que os protegem e os mantêm numa situação da qual, as mais das vezes, nem sequer querem sair. Para quê? O desemprego é uma realidade incontornável, pois a agricultura mecanizou-se e a indústria fabrica toneladas de coisas inúteis e baratas. Competiria à Educação entreter os cidadãos inativos, mas aí ainda vamos atrasados e temos deixado essas tarefas ao turismo, aos cuidados de saúde e às religiões. A sociedade vive da procura de equilíbrios, nem sempre os melhores. Por isso mesmo, talvez sirva para alguma coisa o lembrarmos-nos que os retratados naqueles romances são os bisavós e avós dos adultos atuais, e que, entretanto, a maior parte da literatura do nosso tempo voltou a refugiar-se num onirismo metafórico que ignora a realidade comum, a qual, e salvo muito raras exceções, divulga e impinge uma elevadíssima dose de sensaboria aos seus leitores através do marketing das editoras e dos “prémios” literários pré-cozinhados. Mas, apesar de tudo, oxalá que não tenhamos necessidade de criar um Neo-neorrealismo.

Email

queirosiana@gmail.com
confrariaqueirosiana.blogspot.com
eca-e-outras.blogspot.com

Coordenação da página

queirosiana@gmail.com

Endereço Postal:

Solar Condes de Resende
Travessa Condes de Resende, 110
4410-264 Canelas VN. GAIA - PORTUGAL
Tel.: 227 531 385 | Fax.: 227 625 622
Telem.: 968 193 238



José da Cruz Santos
editor

O abraço intemporal

«**P**ede-me o meu avô, o editor José da Cruz Santos, que leia aqui uma saudação ao escultor José Rodrigues, recordando que a primeira edição que publicou no Porto, em 1968, tinha desenhos seus - *Eros de Passagem*, de Eugénio de Andrade. Do que esse encontro significou em amizade, colaboração, momentos únicos de beleza, ao longo deste carro de anos, sabem ambos - e poderá ficar assim.

Querido e fraterno Amigo José Rodrigues: As minhas palavras vão chegar-lhe pela voz de um jovem. Digamos que é a maneira um tanto subtil de tentar disfarçar as rugas de um estilo que não tenho sabido remoçar na leitura de alguns dos génios caseiros que chovem entre nós em todas as estações. Quero acreditar que serei uma das pessoas que não precisam de justificar a ausência numa iniciativa que lhe diga respeito e que de um modo ou de outro nunca poderá ser mais do que uma tentativa, sempre aproximada, de dizer quanto lhe devemos todos, em beleza, em companheirismo, em generosidade, em cumplicidade activa nas causas em que reconhecemos os ideais da nossa juventude e também o nosso profundo amor a esta cidade do nosso descontentamento tão descaracterizada e despovoada.

Um dia li em Beethoven uma frase que para mim não vale menos do que um dos seus magníficos últimos Quartetos:

Não reconheço em ninguém outro sinal de superioridade que não seja a bondade - onde quer que a encontre, eis onde fica o meu lar.

Talvez tenha nascido em mim nesse momento a ideia desta homenagem, de que se tornaram maravilhosos cúmplices todos os presentes e muitos outros a quem não foi possível estar hoje aqui.

Não poder estar hoje convosco é para mim um motivo de tristeza e nenhuma palavra a poderão atenuar. Uns, pouco afeiçoados à compreensão, dirão que é má educação minha. Eu, mais vizinho dos Gregos, chamo-lhe misantropia. Peço, querido e fraterno Amigo, que aceite o abraço de uma admiração e de uma amizade com as quais nada têm podido o verdeto do tempo nem outros frequentemente menos poéticos.»

Com admiração e estima
José da Cruz Santos

NOTA

Mensagem lida numa homenagem promovida pelo editor José da Cruz Santos a José Rodrigues, em Outubro de 2009, com a colaboração da Cooperativa Árvore.

28 de outubro

Era uma vez um homem
que rompeu das águas divinas
e criou um Deus à sua imagem e semelhança.
Prometeu era seu amigo.
E ambos derrubaram as histerias da noite e roubaram
todas as estrelas do céu;
incendiaram a fome, as palavras interditas, a flor que dá o trigo.
Depois, o homem fez da terra o paraíso dos anjos e das anjas
com quem dormia sem saber.
Desenhou o encanto que Orfeu nos deixou e os desejos ardentes
da nossa paixão.
Mas um dia, a serpente que se escondia num desenho dele
enroscou-se nas suas mãos e mordeu-lhe o lugar do coração.
Agora os anjos dormem com ele.

António Oliveira



Ilustração de Alberto Pésimo

28 de Outubro é dia de memórias na FEJR

É já sexta-feira, 28 de Outubro, a festa que a Fundação Escultor José Rodrigues (FEJR) - Fábrica Social, no Porto, em conjunto com diferentes parceiros, irá fazer para assinalar a data de aniversário do mestre que dá nome à fundação e que morreu a 10 de Setembro. De inaugurações de exposições a lançamentos de livros, será um dia de actividades diversas, com início às 17 horas e entrada gratuita. Começará por ser lançado o catálogo da exposição «Celebração», a última mostra de José Rodrigues com Raquel Rocha e que pode ser visitada na Fábrica Social até 5 de Novembro. O catálogo contará com textos de Adriana Aguiar Branco, Miguel Vieira Duque, Fernando Guinard (fundador do Museu de Arte Erotica Americano), entre outros. De seguida, será lançado o livro «José Rodrigues - Esculturas na Cidade do Porto», que reúne as diferentes esculturas, de autoria do mestre José Rodrigues, presentes na cidade do Porto. Livro com coordenação editorial e concepção gráfica de Graça Martins e Tami Itabashi e com textos de Laura Castro, Maria Boichichio e Maria Leonor Barbosa Soares.

Em parceria com os Artistas de Gaia - Cooperativa, a FEJR inaugura e recebe a exposição colectiva «José Rodrigues, 80 anos - 80 interpretações» que reúne mais de 90 artistas que participarão com uma obra. Este conjunto de obras aborda diferentes técnicas e suportes e ficará patente nas galerias da FEJR até 18 de Fevereiro, sendo, no final, doadas à FEJR, integrando a colecção do mestre. Esta iniciativa, inserida no Projecto Onda Bienal, tem a curadoria dos artistas plásticos Agostinho Santos e Luísa Prior.

Na parte final da grande festa de 28 de Outubro, será apresentada uma nova serigrafia do mestre José Rodrigues, que será entregue a cada artista integrante da mostra-homenagem a José Rodrigues. Paralelamente decorrerá a leitura de poemas e outros textos especialmente preparadas para José Rodrigues.

Entretanto, hoje (26 de Outubro), a FEJR acolherá o lançamento da obra «Porto Culto do Século XX: Alfredo Ribeiro dos Santos, Fernando Guimarães e José Rodrigues». A sessão, com início às 18 horas, contará com a presença dos que colaboraram na obra, nomeadamente Alexandre Teixeira Mendes, Castro Ribeiro, Paulo Ferreira da Cunha, Fernando Echevarría, Nuno Júdice, Fátima Lambert, Laura Castro, Luísa Malato, Nuno Higinio e Arnaldo Pinho. Aos que colaboram com textos sobre José Rodrigues, será pedido que leiam excertos dos mesmos, evocando a memória desta grande figura. Na ocasião, será igualmente apresentado o n.º 18 da revista «Nova Águia» (2.º semestre de 2016) e da obra «Olhares Luso-Brasileiros», de Constança Marcondes César.

Recorde-se que Vila Nova de Cerveira tem mais uma obra que lembra José Rodrigues. Não é da sua autoria, mas são mais de oito metros de pintura que não deixarão indiferente quem visitar Vila Nova de Cerveira. Elton Hipolito (brasileiro) é o artista responsável pelo projecto de arte pública «Lacunas da Memória» que evoca o escultor José Rodrigues (1936-2016), junto ao «Jardim Mestre Zé Rodrigues - Escultor - 1936/2016».

30 anos de vida artística de Agostinho Santos

Um livro. Quatro exposições. Um sonho independente sem consensos...

Agostinho Santos assinala 30 anos de vida artística, mas não assinala a data da sua primeira exposição individual, que normalmente é o que define o início de carreira de quem se dedica às artes plásticas. 2016 marca três décadas da data em que considera que nasceu para a arte por Jaime Isidoro lhe ter reconhecido valor. Agostinho Santos é pintor, escultor, ceramista, desenhador. Mas é também escritor através do jornalismo. Se foi nas artes plásticas que começou, mesmo antes de escrever, foi o jornalismo que lhe permitiu a independência de fazer a arte que sempre quis fazer, dedicando-se, desde sempre, a três temas essenciais: a mulher, a literatura e a intervenção social. Percebemos que todas estão ligadas, uma vez que quando pinta mulheres não pinta beleza, antes, as desigualdades de que são vítimas; quando desenha literatura, fá-lo com base em palavras de autores com preocupações que são as deste pintor e escultor, que recusa dizer-se artista. É por isso que o pincel de Agostinho Santos é uma arma! A sessão comemorativa, ou sessões, realiza-se hoje (26 de Outubro), a partir das 18 horas, no Salão Nobre da Casa-Museu Teixeira Lopes, em Vila Nova de Gaia. Começará por ser lançado o livro com o mesmo nome da sessão «Agostinho Santos / 30 anos», por Laura Castro, e serão inauguradas quatro exposições, com curadoria de Humberto Nelson.

Isabel Fernandes**Fale-nos da sessão/sessões para assinalar os 30 anos de carreira artística. E como se define o início de carreira?**

Geralmente define-se quando se faz a primeira exposição, ora eu fiz a primeira exposição em 1987, que faz 30 anos em 2017... só que 1986 foi a data em que ouvi de Jaime Isidoro "temos artista e eu vou-te marcar uma exposição". Até aí eu era um tipo acanhado, tinha um certo receio, nunca me tinha atrevido a fazer uma exposição individual. Para mim, aquelas palavras tiveram o maior significado e passou a ser 1986 o ano em que considero que nasci para as artes plásticas ou, pelo menos, em que fui reconhecido.

O mais difícil é mesmo fazer a primeira exposição?

Como tudo, a primeira vez é que custa, como se costuma dizer... Mas pelo menos até à 10.^a custa muito; eu já fiz 84 individuais! No fundo, custa sempre! O pintor expõe-se e não é fácil, até porque no meu caso concreto, sei que o meu trabalho não é unânime. Sei que há muita gente que não gosta; eu faço-o porque gosto de fazer e preciso de fazer, segundo os meus ideais; segundo o que penso e não para agradar a ninguém. Nunca fiz nenhum trabalho por encomenda, porque tive sempre a sorte de nunca viver exclusivamente da pintura, tive sempre o jornalismo; por isso é que eu digo que sou um privilegiado: fiz sempre duas coisas de que gosto imenso e ainda me pagam por isso. O jornalismo é que me pagava as despesas do mês, mas a pintura é que me dava asas para voar (bem, o jornalismo também!).

Começou pela escrita?

Não! Desenhei sempre; sempre me lembro de



FOTOS: DIREITOS RESERVADOS

pintar! As minhas prendas de Natal, de aniversário, quando era miúdo, eram telas e tintas. Comecei a pintar antes de escrever. Quando tinha oito anos, convidei a minha família e fiz uma inauguração na cave da casa dos meus pais - onde mais tarde tive atelier - e coleí uma série de papéis A4, desenhos, e fiz uma espécie de exposição; até fiz um catálogo, que uma das minhas irmãs ainda tem.

E como é que se torna jornalista?

Comecei a colaborar nos jornais de Gaia e comecei a ver que também queria escrever. E depois quis fazer as duas coisas em simultâneo e consegui; e acho que as duas coisas se complementam. Porque os meus grandes temas [na pintura] são três: a mulher: o problema das desigualdades; a literatura: a partir de textos de Saramago, Manuel António Pina, Valter Hugo Mãe e outros, fiz várias obras; e o

último tema que é a fase em que estou mais neste momento é a intervenção social: não vejo um pintor sem intervenção social, acho que o artista tem o dever de intervir.

De escolher um lado?

Pode ser apartidário, mas tem de ser político! Porque qualquer pessoa com sensibilidade, e dizem que os artistas têm sensibilidade, não pode enfiar a cabeça na areia como a avestruz e deixar passar os problemas todos que lemos nos jornais, que vemos nas televisões... nós não podemos ser insensíveis a isso! E, portanto, para mim, a arte, neste momento, mais do que nunca, é de intervenção e por isso é que o livro e as exposições vão ter um cariz iminentemente de intervenção e, se reparar, há uma ligação directa com os outros temas, porque na mulher o que me importa mais é a desigualdade, a luta pelos direitos, o combate à violência doméstica; na literatura, vou pegar nos escritores que utilizam a escrita como crítica e depois a intervenção pura de eu achar que o pincel é uma arma - que é exactamente o título da minha tese de doutoramento «O Pincel é uma arma - um museu de causas».

Este Museu de Causas poderia ser concretizado?

A ideia é essa! Já existe o logotipo [que consta no convite na sessão que assinala os 30 anos de vida artística de Agostinho Santos].

A tese de doutoramento seria o plano teórico dessa obra?

A tese não é irreal! Partiu de uma ideia e de um sonho... Eu tenho mais de seis mil obras, minhas e de outros (tenho 300 e tal obras de 300 e tal artistas), e o museu seria basea-

do em duas colecções distintas: a minha, baseada na literatura, na mulher e, sobretudo, na intervenção social; e a de obras de outros artistas. Seria também uma galeria de afectividades. Eu queria constituir no meu concelho, Vila Nova de Gaia, um dia, um espaço que perpetuasse e preservasse estas colecções e ao mesmo tempo que fosse um espaço que incentivasse as pessoas. O projecto - que é o da minha tese - está definido em vários capítulos e integra, por exemplo, o depósito, onde a comunidade iria depositar utensílios que já não utiliza para serem sujeitos à intervenção artística, porque quero demonstrar que não há suportes convencionais para fazer arte. Teria também uma sala para exposições temporárias. A tese tem as bases, mas não contém tudo...

O que lhe dá mais prazer, os elogios dos especialistas ou os do visitante anónimo?

Para falar com toda a sinceridade, gosto dos dois. Gosto, naturalmente, que um entendido escreva um trabalho sério sobre a minha obra, independentemente de estar de acordo ou não com o que escreve. Mas também me interessa que a chamada pessoa anónima se identifique com a minha obra e com a mensagem, sobretudo. Eu não me preocupo muito, sinceramente, com o gostar ou não gostar da minha obra - claro que fico satisfeito quando me dizem que gostam -, mas preocupo-me mais e gosto mais de saber que o observador A ou o observador B viu um trabalho e a mensagem que eu quis teve receptividade. O meu objectivo é exactamente inquietar, agitar e levar uma mensagem de que chega, temos de fazer alguma coisa! E poderá não resolver a questão, mas o objectivo é agitar as consciências da comunidade e sobretudo das pessoas que têm o poder. Abaná-los um bocadinho. O maior elogio que eu posso ter e felizmente tenho tido alguns é as pessoas dizerem-me que vêem os meus quadros e identificam-nos como meus sem precisarem de ver a assinatura. Quero construir ao longo dos anos uma certa identidade, que as pessoas, gostem ou não gostem, saibam que é minha.

Ambiciona um dia não precisar de usar o seu pincel em pelo menos um dos seus três temas?

Infelizmente, acho que isso não vai ser possível. Mas o que eu desejava era que o meu trabalho, o meu esforço, a minha dedicação, a minha investigação sobre este tipo de arte contribuísse para o bem-estar de algumas pessoas; não acabar com o mal do mundo, evidentemente, quem sou eu?, mas se pelo menos acabar com o mal de uma comunidade já não é mau... Eu sei que o meu trabalho é de difícil compreensão, mas há cada vez mais familiaridade com ele.



Refaz muito?

Eu sou um insatisfeito! Nunca me dou por satisfeito com um quadro; e não é por falsa modéstia, mas eu não consigo elogiar o meu trabalho porque acho que é possível fazer melhor; reconheço que alguns trabalhos estão mais bem conseguidos do que outros. Vivo sempre numa ansiedade, uma angústia de que a próxima é que vai ser, mas nunca é, porque nunca me dou por satisfeito. Mas reconheço, isso é normal, faz parte do processo, que agora sinto-me muito mais à vontade, já trabalho sem rede, já pinto directamente, não faço esboço nenhum, e o meu grande objectivo é pintar com espontaneidade, com gestualidade. O que me interessa é a mensagem. Eu costumo dizer que a máquina fotográfica é que regista e já foi inventada! e a mim interessa-me muito mais apanhar o que eu estou a pensar neste momento, transmitir com a maior rapidez aquilo em que estou a pensar ou o que estou a imaginar do que estar a fazer o bem desenhado. Interessa-me mais transmitir a ideia do que a forma. Eu só ficaria satisfeito se conseguisse desenhar com a rapidez com que penso: esse é o meu grande objectivo! Mas hoje já estou em

frente a uma tela sem receio, pinto numa tela como pinto num papel sem problema nenhum e isso só é possível depois de muita tinta, de muitos quilómetros percorridos no meio das tintas e dos pincéis.

Vamos agora ao dia 26 de Outubro, o que podemos esperar?

O livro tem 702 páginas, vive essencialmente de imagens - são cerca de 500 - mas tem também textos. É uma - até parece exagerado o que vou dizer, mas é verdade - síntese muito superficial do meu trabalho. O livro é uma espécie de radiografia do meu trabalho nas várias expressões: no desenho, na pintura, no azulejo, na cerâmica, na escultura e nos livros de artista. É o trabalho mais completo que existe sobre a minha obra e assinala o que de mais significativo fui fazendo neste 30 anos; algumas obras são minhas, outras não, são de coleccionadores que me cederam as imagens, e convidei vários escritores e jornalistas a escreverem sobre o meu trabalho. Cada um fez uma leitura geral da minha obra e não deste ou daquele trabalho ou temática. Este livro [«Agostinho Santos / 30 anos»] facilitou-me depois a escolha para as exposições.

Que estarão divididas em quatro pólos...

Sinceramente ainda não está totalmente definido [aquando da entrevista], o curador é o Humberto Nelson. A Casa-Museu Teixeira Lopes - Pólo I [18h30] - vai ter um bocadinho de tudo: à excepção dos livros de artista, vai ter pintura, desenho e escultura. Na antiga esquadra da PSP de Gaia - Pólo II [19 horas]-, que é um edifício em ruínas, vamos jogar com objectos encontrados na rua, onde fujo ao convencional da tela e do papel, mas também vou ter lá desenhos em papel; no Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner - Pólo III [21h30] - e no Reservatório de Água da Rasa - Pólo IV [22h30] - vai estar pintura actual, para além de que no Pólo III estarão expostos os livros de artista e telas em pequeno formato. Vão estar muitas obras inéditas, há azulejos e painéis de cerâmica que eu fiz propositalmente para esta exposição. [Os pólos I e II estão patentes até 31 de Dezembro e os pólos III e IV até 8 de Dezembro].

Agostinho Santos não se apelida "artista", dedica-se às artes plásticas e explica porquê...

A arte é uma coisa muito séria, para mim, é uma coisa mítica e quem se dedica a ela tem de ter muita consideração, muita cautela e muito respeito. Ser artista não é qualquer um, porque é muito forte, é um abuso, mesmo, nós - e infelizmente ouvimos aí à boca cheia qualquer pessoa que está a começar já é artista - temos que ter respeito pela palavra artista. Quem vai dizer se somos artistas é a história; a história é que um dia vai dizer se aquilo que nós fazemos tem ou não tem qualidade para constar na história. Porque eu acho que - e a história da arte ao longo dos séculos diz-nos isto - há e houve, de facto, artistas, mas há muitos mais pintores, muitos mais escultores, muitos mais fotógrafos, muitos mais ceramistas do que artistas. Isto é, há muita gente que se dedica à arte que não é artista! É preciso começar a dobrar a língua quando falamos em artistas, porque não somos nós que o vamos dizer, ou o vizinho do lado que o vai dizer, muito menos pessoas impreparadas para isso e que infelizmente o estão a dizer muito. Às vezes também o digo, mas fujo sempre de dizê-lo...



Recriação da exposição de Amadeo de Souza Cardoso no Porto

O Museu Nacional de Soares dos Reis, no Porto, vai recriar a única exposição de Amadeo de Souza Cardoso no Porto, que decorreu em 1916, a ser inaugurada no dia 1 de Novembro. “As obras que Amadeo decidiu expor estão hoje dispersas por diversas colecções públicas e privadas. Reuni-las, procurando refazer os gestos e as opções do malgrado pintor [que morreria, inesperadamente, em 1918, com 30 anos de idade] é, em primeiro lugar, uma homenagem”, segundo a descrição da exposição, que seguirá depois para o Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado, em Lisboa, e que conta com curadoria de Raquel Henriques da Sil-

va e de Marta Soares. Das 114 obras expostas no Porto há 100 anos, vão estar 90 das obras identificadas a partir dos catálogos originais, para a exposição que fica na cidade até 31 de Dezembro. “No dia 1 de Novembro, vai ser inaugurada aqui no museu uma exposição que já estava programada e pensada antes da divulgação da exposição [de Amadeo] em França. Vai ser inaugurada com um ciclo de conferências dedicadas a Amadeo, festejando o centenário da exposição na cidade do Porto, nos jardins de Passos Manuel”, disse à Lusa o presidente dos Amigos do Museu Nacional de Soares dos Reis, Álvaro Sequeira Pinto.



«Sé»

«Lisboa»

A galeria de Arte do Casino Estoril acolhe a exposição individual «Lisboa», de Paulo Ossião, até 15 de Novembro. Recorde-se que Paulo Ossião já fez nesta galeria 12 exposições individuais e participou em 22 Salões de Outono.

«Terra»

A exposição individual de pintura «Terra», de Alexandre Rola, está patente no gabinete da Bienal (Praceta Salvador Caetano/Avenida da República), em Vila Nova de Gaia, até 12 de Novembro. Inserida no Projecto Onda Bienal e com o apoio da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, a mostra apresenta 20 trabalhos recentes em técnica mista sobre tela.



PUB

175 ANOS

NASCIMENTO DE ALBERTO SAMPAIO

1841-2016

PARA MAIS INFORMAÇÕES:
WWW.VILANOVADEFAMALICAO.ORG

IAS
 lberto
 ampaio



Helena AM Pereira
museóloga

Tissu et poisson: une exposition-installation pour Marta de Aguiar

Está patente na Galeria AMIarte (Rua da Lomba, 153, Porto), desde 7 de outubro e até 26 de novembro, uma exposição individual de Marta de Aguiar que reúne obras desenvolvidas nos últimos cinco anos. Na realidade, mais do que de uma exposição, estamos a falar de uma instalação e de uma montagem que se moldou às paredes de granito e à beleza de uma espaço que, no seu grotesco, é um convite aberto a apoiar 32 anos de ajuda humanitária, em Portugal e no estrangeiro. A história da Fundação AMI é o seu maior e único real património.

Marta de Aguiar nasceu em Angola, em 1972. É licenciada em Artes Plásticas - Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) e pós-graduada em Artes Decorativas pela Universidade Católica Portuguesa. Participa, desde 1995, em exposições individuais e coletivas. Da sua área de trabalho destacam-se ainda a participação em projetos de Intercâmbio Cultural entre Portugal, Brasil e Moçambique, produção de cenografia, ilustração e curadorias. Está representada em coleções particulares e institucionais em Portugal e no estrangeiro (C.M. Maia, C.M. Sernancelhe, C.M. Coruche, Casa das Artes de Mértola, Fundação AMI, entre outras).

O processo de seleção das obras que integram a exposição "Tissu et poisson: une exposition-installation pour Marta de Aguiar" foi, na realidade, quase imediato. À chegada ao *atelier/casa* da artista algumas notas sensoriais: o barulho da água do aquário a correr; o aroma de uma casa de amor, com crianças, animais e Arte; o sabor à vida apressada de quem se divide entre tudo na busca de si próprio; o tato daquelas telas de relevo em tecido, com as colagens da antropologia do detalhe e da tinta; a imensidão do vermelho e do branco e de toda aquela *pisclândia* de desenho exímio, que revela a artista investigadora da essência da espécie. Depois, há em Marta de Aguiar, e em todo aquele universo estético, um pouco da mulher do cinema francês deste novo milénio. As ideias discorreram entre a conversa e encontramos a ideia basilar da curadoria. Quando os artistas nos fazem memoriar viagens, reais e na História, está criado um dos pressupostos base para o estabelecimento do encontro que permitirá que o belo chegue ao público, em forma de inquietação e desafio. Os peixes de Marta de Aguiar remeteram-me para uma viagem de há 9 anos, a Roma, e para uma visita a uma cripta paleocristã em que me explicaram que o peixe é um símbolo cristão que representa a vi-



da e cuja palavra em grego - *Ichthys* - é um ideograma baseado nas letras iniciais da frase *Iesous Christos, Theou Yios Soter* que significa "Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador", por isso, passou a ser utilizada como sinal secreto pelos primeiros cristãos com o objetivo de os proteger da perseguição, uma vez que eles se reuniam em catacumbas marcadas com este sinal. Julgo que foi numa visita às catacumbas de São Calisto, mas não posso jurar. Sei é que nunca mais me esqueci e que, naquele dia, quisemos ir por ali, por aquela vida e não negando o poder daquele universo simbólico.

Recuerdos míos!

Recordações da nossa infância, povoam o nosso imaginário racional e irracional. São fragmentos, são bocados, que nos transferem para vivências extintas, existentes num mundo real e intemporal.

Retalhos costurados e alinhavados, que representam as nossas experiências vivenciais fazendo parte integrante da nossa relação como seres pensantes, como indivíduos interativos e pró-ativos, no meio em que agimos.

Marta de Aguiar

Depois foram os tecidos e as memórias intrínsecas ao pano das infâncias, das mães e do que sobra

das vidas que vivemos. Para Pierra Bordieu (1930-2002) "o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social)." Aquilo a que Émile Durkheim (1858-1917) designa como conformismo, ou seja, uma conceção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências e as sensibilidades. No simbolismo que tem para uma geração de feminino o linho ou o naperon aplica-se a análise sociológica enunciada, como se aplica a simbologia do branco e do vermelho e do peixe, desde há dois mil anos, em contextos indissociáveis.

O que esta exposição-instalação propõe é, assim, um trabalho de curadoria *site specific* que revela a produção de Marta de Aguiar, sensivelmente, nos últimos cinco anos e que nos faz mergulhar no seu universo pessoal, simbólico e, sobretudo, no detalhe e essência da sua pesquisa artística. Integram-se, neste universo, um conjunto de textos da artista que nos apoiam na interpretação das obras e que, em dia de inauguração, foram lidos em registo performativo somando voz e música às múltiplas sensações que o mergulho na obra de Marta de Aguiar nos traz.



Eugénia Pedrosa
professora

O necessário antídoto da solidão

Preciso de exorcizar este fantasma e pô-lo a correr desta alma que não é hoje a mesma de tempos idos. Passo a explicar. Uma vivência plena, inclusivamente de vazios, imprecisões e casos mal contados viu-se um dia, e após várias situações de colapso, entre a vida e a morte mental, entre o discernimento e a confusão geral, entre o amor e o abandono total.

Não conseguirei pormenorizar muitas das situações, mas conseguirei contar, com algum denodo, o que lá vai e se tornou a experiência mais marcante de quem sobreviveu, reacendeu todos os reatores, percebendo que ou morreria ou sairia reforçada.

Um corredor de fantasmas e loucura - a isto se resume aquele lugar, algures num espaço hospitalar. O antro onde Lourença viveu vinte e quatro horas dessa primavera, a mais infeliz de todas: as mais diversas patologias juntas, ali, pelo fio indelével das mais estranhas arritmias. Perguntou-se ela, variadas vezes, a quem ajudaria um ambiente assim. Homens e mulheres despejados ali, dia após dia.

Respira, Lourença, respira!!

Cada um com o seu trauma, com a sua infelicidade. Uma mulher muito grande que teima em entabular (des)conversaço. Um outro ser estranho que tenta desenhar-lhe o rosto. Tudo naquele espaço exíguo... Indescritível! E, depois, mulheres jovens, muito jovens, vão aparecendo, cada vez mais magras, de olhos deformantes.

Então, rapariga, respira, vá lá...

Ela viu inteligentes técnicos de saúde a circular ali, quase assobiando, naquele lugar de assombro, fechado a grossas chaves de presídio. No momento em que gritou ter de sair dali a qualquer preço - "Então, não pares de respirar, vais asfixiar!" - quase lhe fizeram acreditar que, se o fizesse, trairia aquela família, aquela instituição.

Lourença seria, porventura, a criatura mais sensível, inteligente e infeliz que alguma vez se viu. Bonita, todos diziam, mas com um semblante quase sempre carregado de ideias, forças ou sensações que ela não entendia, quanto mais o médico que, ano após ano, sondava o mais recôndito da sua mente, escutando cada palavra, perseguindo cada insinuação, por esqui-

nas e becos sem saída de uma alma tão perfeita e complexa que não terei problemas em dizer que só sobreviveu porque sempre viu a sua beleza intrínseca e sempre soube que um ser assim não podia perecer.

Hoje, a uma distância considerável, permito-me dizer que muito terá devido Lourença a esse médico que nunca se ficou pelos meandros da mente. Sempre foi muito mais longe, aventurando-se pelo espírito e reconquistando, fimbria por fimbria, cada tecido de amor, de injustiça, de malquerer e querer bem. Um trabalho tão bem entretecido e tão humanamente diferente que não sei bem o que Lourença lhe diria hoje... se lhe abriria de novo a alma. Não o fez ela tantos anos a fio? Que pena não poder sentir na paisagem o aroma do seu cachimbo! Às vezes ainda sente esse odor!

Pensando bem, que farei com este conto que teima em ser mais que isso, descolando-se de mim, querendo ter vida própria? Que farei com esta força que é tão grande, forte e hábil e que acaba de desprender-se de mim e já não me pertence?!

Deixa de se preocupar o narrador com essas questões mais técnicas, que o tempo urge e o amor é para hoje - se é preciso deixar no papel essa vida, deixe-se. Contudo, o narrador admite não estar suficientemente preparado para a façanha. Respira fundo e analisa se terá palavras, frases e meios que cumpram a função, talvez demasiado ingrata, de dar vida pública a uma criatura de exceção.

Desvendo, desde já, uma ideia fulcral - Lourença é um caso de amor, de triunfo do amor, do amor como verdadeira terapia para os males, sentimento omnipresente nesta vida que sempre fez do seu quotidiano um cadinho de experiências que desaguavam aí, nesse lugar do afeto. Quem percebeu isto continuou a fazer parte da sua vida, quem não o entendeu ficou de fora, ainda que a nossa personagem nem sempre o tenha percebido e muito tenha sofrido por não

aceitar que certos seres fossem tão avessos à simples e lapidar ideia de "amar".

O grande mistério está em saber-se até que ponto foi ela amada, no meio de sexualidades transversas, de ilícitas relações em teoria, de infantilidades no afeto, como a de pensar-se que amor rima com vaidade ou egoísmo ou, sei lá, sentimentos de ocasião, partidários em tudo até na política. Contudo, grandes declarações se preferiram, mulher da minha vida, pessoa diferente de todas as outras, caso sério de inteligência e valor diferencial - tão sério que as mentes masculinas não tiveram a coragem suficiente para prosseguirem na conquista, no dia a dia, todos os dias. Será caso para dizer que a mulher não se deve afastar demais da norma? Será caso para dizer que mulheres inteligentes e sensíveis é fugir delas?! Ou basta dizer que poucos os têm suficientemente no sítio para aguentarem a novidade quotidiana do desafio, sempre presente, sempre pensante?! O narrador não está preocupado em obter uma resposta. Está, isso sim, interessado em dizer a verdade, toda a verdade.

Que força é esta, que força é esta que trazes no sangue que não te deixa aquietar, que não te deixa parar? Muito poucos a conhecem, a amiga de infância, de escola ou de formação. Só agora reparei como a escola e a educação podem irmanar os seres para sempre. Se não, que alguém me diga não lembrar com saudade os colegas do banco da primária ou do liceu! Que nostalgia! Mas se esses seres continuam ao nosso lado, a isso chama-se perseverança e bom gosto, mantendo perto da mão e do coração as mais importantes figuras das nossas vidas. A nossa personagem sempre pensou assim.



Que sorte teve Lourença em viver os vinte anos numa época em que se punha em causa um deus ao mesmo tempo que se alcançava o homem a uma posição tão próxima do divino. Para a nossa personagem tudo isso era política e talvez não. E, sobretudo, a verdade sempre esteve com ela - a música e o canto repartido em cada esquina da cidade. Uma força a nascer-lhe nos dedos e uma raiva a crescer-lhe nos dentes - não me digam que não a compreendem! O acaso era português e éramos nós o destino. Ficaram todos perplexos e não souberam muito bem o que fazer... Que momento fabuloso foi esse, o da criação, não de um mundo mas de um novo mundo, aquele que nos pertencia e a que nós pertencíamos, que queríamos mais igual, mais repartido! Para Lourença, a felicidade daquele dia imediato à revolução dos cravos é tão indescritível que certamente não vai haver outro dia glorioso assim. Felicidade primeira como se de uma primeira respiração se tratasse. Tanta democracia a haver e nunca mais fomos tão felizes. Porquê? Talvez porque cedo nos demos conta de que era difícil. Não estragámos tudo, porque tal nunca vai ser possível, mas vamos estragando, quotidianamente. Que pena, pensa Lourença! Estava tudo tão ao alcance da mão! A utopia!

De experiência em experiência a nossa personagem resistiu a ventos e marés traiçoeiras, a algumas ciladas até que um dia, não resistiu e pensou que não conseguia viver. Nunca falou em morrer mas todos sentiam que viver daquela forma era sinónimo de morte. Por que vacilava ao fim de tantos anos, sem ter aparentemente motivos palpáveis para tal? É o que tentaremos descortinar a partir deste momento.

Respira, Lourença, respira!!

Soçobrar não é sinónimo de fraqueza ou falta de carácter.

Cada vez que afrouxava de força, Lourença renascia, de seguida, com mais vivacidade e entusiasmo, com mais amor para dar e mais expectativas de vida.

Está hoje em voga divulgar a experiência de pessoas que passaram por situações-limite de perigo de vida. Ou se salvaram ou estavam em condições psicológicas e físicas de o poderem fazer; por uma unha negra, não vislumbraram o outro lado da vida, ali à mão!! Pois bem, o que aconteceu com Lourença toca esta realidade, mas possivelmente ao contrário, pois terá sido o físico que, neste caso, terá aguentado o abismo mental ou espiritual, não sei bem. Principalmente neste campo ainda vagueamos por insondáveis realidades que, de facto, ninguém conhece.

Se perguntamos a um técnico o que motiva um colapso destes, ele não sabe e di-lo abertamente. Se não formos nós, devagar, a perscrutar toda e qualquer explicação, ninguém mais o fará.

E acreditem que Lourença continuou pela vida fora a sondar o seu interior laboriosa e quotidianamente. Aliás, este é o traço distintivo que faz dela a personagem, plena de interioridade, vontade de ser sempre melhor, mais perfeita e mais feliz.

Se partimos do princípio de que Portugal não é dos países mais abertos à novidade e à diferença, facilmente perceberemos que só uma certa loucura permitiria a alguém estar para além do consentido, num mundo próprio onde a verdade pontificava e era o grande eixo de orientação. Não! "Só vou por onde/Me levam meus próprios passos!"

A nossa personagem precisava que com ela aquiescessem, porque sempre apresentou um real "deficit" de afeto, de atenção sensível. Teve-a de um pai, que não era pai mas soube, ao longo dos anos, fazer as suas vezes; muito questionou e, sobretudo, soube ouvir, algo perplexo mas nunca rendido, as tristezas, as irregularidades e desvios dessa alma de adolescente que apenas gritava, dia após dia, que a amassem muito, muito mais do que é costume fazer-se. E ele fê-lo, à sua maneira, mas era pouco. Lourença exigia sempre mais, sempre melhor.

Respira, Lourença, respira!!

Houve, todavia, uma figura esquelética, cantante, que lhe preencheu um espaço da alma, vital e insubstituível, uma avó. Um belo ser que nada pedia a ninguém, mas que entendeu o que deveria dar-lhe, carinho muito bem embrulhado em papel de música. Sempre a música a uni-las - o canto e a voz - o jogo subliminar de tons e meios tons (que a avó não sabia que se chamavam assim), mas eram a expressão mais popular e legítima de cenários durienses que sempre as encantaram. A voz da avó ficou, graças à fita reprodutora, mas mais importante do que isso, ficou o seu coração. Quando já não era capaz de engolir umas migalhas de bolo, ela cantou para a Lourença - essa era a sua verdadeira linguagem. Não conhecia grande coisa da vida da neta, não trocavam propriamente ideias, mas comunicavam da forma mais total e inicial, pelo canto. Lourença terá sido a única pessoa da família que entendeu, a esse nível, esta avó que morreu feliz porque morreu a cantar. Poucos seres tiveram esta atenção, quase devota, mas ela, a avó, teve-a. Porventura alguns terão perguntado, porquê ela e não eu?! Acontece que a nossa personagem sempre decifrou muito melhor a linguagem do coração (a mais próxima da música) do que qualquer outra.

Acenavam a Lourença com uma réstia verdadeira de afeto e ela largava tudo e corria no seu calçado. Sempre foi assim. Uma mulher facilmente emocionável... Só comparável ao Rico, o cinquentenário, familiar por inerência, pródigo em força vital, em simpatia; um ouvinte de excelência e magnânimo, a personagem, que mal vislumbrava um acorde de guitarra, logo uma lágrima teimava em cair, ostentando aquilo que, para alguns, era a lágrima fácil e para Lourença era uma alma gémea.

Irá já demasiado longo este exercício de linguagem. E talvez tenhamos tocado tão só o âmago da realidade que precipitou a nossa personagem para esse inferno de ansiedade não perceptível a ninguém, talvez só a outro ser similar!

Não deixes de respirar, rapariga!

Trouxe consigo para sempre aqueles grandes olhos, os de alguém que, em tão poucas horas, já depositara confiança no seu ser, tão fatigado! Essa foi, na realidade, a única alma que traiu. Estava tão só e ela deixou-a ali plantada, perto da porta de saída! Anorexia era o nome dessa tristeza.

Lourença era aquele caso sério de ansiedades acumuladas, potenciadas e sem hipótese, naquele momento, de tratamento específico. Muito tempo teve que passar até que, acertadas as agulhas dos químicos perfeitos, ela começasse a sentir os seus verdadeiros efeitos e a descansar verdadeiramente a mente. Foi um processo longo de cura, só possível pelo desvelo de uma mãe. Quando todos tremiam, a mãe lá estava. Quando alguém desacreditava, ela não. Por isso mãe e filha temem pela vida da cidadã anorética, tão desamparada lhes pareceu!

É em situações-limite que se aquilata verdadeiramente da qualidade dos seres humanos. E é exatamente nestas situações que a solidão mais se instala, por isso aquelas mãos que teimaram em mostrar que as dela não tremiam, essas mãos foram o necessário antídoto da solidão. Para sempre. O amor é a chave e, indubitavelmente, o sentimento que salvou a nossa personagem. O amor sob a forma de mãe, de companheiro, de filha, de amiga.

A criança desamparada à sua sorte, entregue a todos os ventos e intempéries, ali, sem roupas, tremendo. Esta é, para Lourença, a sua imagem de solidão. Quem nunca a viveu, não a entenderá na sua totalidade. Quem a viveu, ficou seguramente irmanado e mais ciente de que qualquer vida tem sentido, vários sentidos - necessário se torna ir encontrá-lo(s) no mais profundo de nós, onde só vai quem nós quisermos e quem nos merecer.





Helder Pacheco
historiador, escritor

O sonho, por aí

Sonhar, há tantas maneiras de sonhar.
Charles Trenet, *Quand un bateau blanc*

Principiando com um pouco de poesia, mistura insuperável em qualquer começo, e falando de sonhos, Lorca diria: «Então sonhei, / a canção, / que nunca te direi». A que Gonçalves Crespo acrescentava: «Sonhava e era contigo, rosa». Enquanto Shakespeare escrevia que «somos feitos da matéria dos sonhos», António Gedeão afirmava que «o sonho comanda a vida» e Saúl Dias escrevia: «No sonho de hoje eras a nuvem». Por sua vez, Albano Martins poetou: «Onde estiver a esperança / põe teu sonho e tua fantasia.» e Lêdo Ivo: «Estou desperto e sonho». E, ainda mais radical, o título do livro póstumo de Sebastião da Gama é, simplesmente: «Pelo sonho é que vamos...». Razão tinha, pois, o meu amigo snr. Graça, jovem muito mais do que octogenário, sabedor das coisas do mundo e suas mazelas, além de fino observador do que se passa ao nosso redor, que, quando lhe perguntei o que pensava do que se faz, ouve e vê, por aí, na realidade e nas televisões, disse sem reticências: «Há pouco sonho neste país!»...

Caí das nuvens! Para quem já tanto vivera e suportara sucessivas dificuldades, até em períodos de desesperos agudíssimos, não falar de cifrões e défices! Não falar de crime e insegurança! Da globalização, do choque tecnológico, de competitividade e produtividade! Não falar em austeridade ou mudanças do código laboral! E - Jesus! - nem citar, alegar, aludir, à nova onda messiânica, chamada modernização *d'abord* e, ao invés, dizer que nos falta o sonho! Eis a suprema heresia dos detractores de uma era de conflitos e mudanças, cujos horizontes são a realidade virtual, a *internet*, o *google*, as redes sociais, o cartão de crédito. E, agora, o *Pokémon!*

Mas, há mais: em 29 de Abril de um ano que passou há já uns tempos, subi ao Monte da Franqueira, em Barcelos, para contemplar o Minho desde a Galiza até ao Atlântico e lá emriba, de súbito, chegaram-me aos ouvidos sonoridades melodiosas de várias concertinas tocando em unísono. Excitado pela surpresa, procurei-as, ávido de curiosidade, e encontrei, na mata, um grupo excursionista com gente de Pevidém. Em volta da fogueira, onde assavam féveras e bebiam uns tintos, vários tocadores iam musicando, tarde fora, enquanto dois cantadores despiciavam ao desafio. Aproximei-me, de olhos arregalados, e interroguéi um dos que só ouviam (enquanto ia molhando o bico) sobre o que era aquilo. Respondeu que vinham anualmente, sempre naquele domingo,



à Franqueira. Abancavam, comiam uns assados, conviviam e ali ficavam, tocando e cantando, até ao anoitecer. E explicou: «É uma espécie de sonho que nós temos.» E eu pensei: afinal a revolução cultural do rolo compressor do pensamento único, cosmopolita de fachada e normalizador por convicção, ainda não nivelou tudo e toda a gente por baixo. Ainda há quem lhe resista. E sonhe. Ou, no final das contas, talvez, por isso mesmo (quero dizer: sonha para resistir).

Mas, a isto, ainda mais acrescento: no sábado, 30 de Junho de um ano também passado, fui com um grupo de esforçados cultivadores da urbe tripeira visitar a Associação Nun'Álvares de Campanhã. Para quem não a conhece, devo afirmar que tal Associação é um viveiro de sonhadores, em flagrante delito de generosidade, amor ao próximo e prossecução do Bem Comum. Fundada em 1934 pelo Padre Domingos Moreira de Azevedo, apoiado por um grupo de benfeitores dos tempos em que certa burguesia de referência vivia nas imediações, como António Ramos Pinto, António Calém, José Ferreira dos Santos e outros, desde então ajudou a tornar a cidade mais habitável e a vida de muita gente daquela zona, densamente operária e carenciada, um pouco menos sombria. Qual não foi o nosso espanto, quando, nos bastidores do salão de festas da colectividade, vimos um grupo de jovens ensaiando uma peça de tea-

tro para ser apresentada, nessa noite, à gente das redondezas (mais concretamente, dos bairros camarários do Falcão, S. Roque, Cerco do Porto e Ilhéu). E que peça! Nada mais, nada menos do que o «Sonho de uma Noite de Verão», de Shakespeare. Interroguéi-me: o que se passa aqui? Esfreguei os olhos: estaria vendo bem? Belisquei-me: estaria vivo? Olhei em volta: em que terra estou? Mas não, era verdade. Tratava-se do Grupo de Teatro do Centro Social de Soutelo, cujo nome é, bem a propósito, "corAGEM", que ali estava *shakespirando*, depois de ter levado à cena, desde a sua fundação, em 1999, entre outros: R.W. Fassbinder ("As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant"), Brecht ("A Boda"), Lucien Lambert ("As Vedetas") e Slawomir Mrozek ("Os Emigrantes"), além de uma série de peças destinadas a crianças e jovens, num total de dezanove produções.

A adaptação dramática e a encenação (tal como a Recolha e Selecção Musical e os sons) era de Paula Castro, a Direcção de Actores de Ana Roseira Rodrigues, que - demonstrando a versatilidade que o amadorismo implica - acumulava ainda a Cenografia com Tiago Roldão e Zé Manel (cognominados "Os Artesãos"). A eles juntava-se um elenco de quinze jovens auto-intitulados "Os Duques" que, no programa, assinavam espécie de manifesto onde diziam à guisa de explicação: «Pela primeira vez o grupo de teatro corAGEM encenou Shakespeare, um nome que faz tremer só de ouvir... Com bastantes atribuições pelo meio (o encenador trocado e o texto alterado) pensamos que conseguimos fazer um óptimo trabalho a nível de encenação e de cenário. Temos muitos novos elementos, e com as entradas, saídas e faltas de comparecimento não temos conseguido ser um grupo coeso, o que esperamos se altere, pois só irá melhorar a prestação do nosso grupo. Esperamos que gostem da peça. Bons sonhos!»

Este grupo de teatro premonitoriamente chamado "corAGEM" surgiu na sequência do Grupo de Teatro do Centro Social de Soutelo, em Rio Tinto. Começou «timidamente» (conforme afirmavam) na encenação de peças teatrais destinadas ao público infanto-juvenil, com textos como "Hakim" (Norberto Ávila), "As Maças de D. Abúndio" (Roberto Merino), "O Príncipe Nabo" (Ilse Losa), "O Príncipe Feliz" (Oscar Wilde), "História de uma Gaivota e do Gato que a Ensinou a Voar" (Luís Sepúlveda), "Todos os Rapazes são Gatos" (Álvaro Magalhães) e "À Beira do Lago dos Encantos" (Maria Alberta Meneres), reportório notável que habilitou os jovens e adultos que compõem o grupo a abalançarem-se a voos mais altos, com produções destinadas a «públicos crescidos».

Para concretizarem o "Sonho", foram escolhidos «actores» entre os 13 e os 16 anos. Depois da abordagem a uma adaptação livre do texto, da qual resultou a apresentação, à porta fechada, do Acto V, os jovens regressaram ao verso difícil do texto original e com ele (segundo os próprios) «fizemos nascer uma Helena, um Demétrio, um Lisandro e uma Hércia, entre tantos outros personagens en-

volvidos num mundo de fadas, numa Atenas perdida que ainda hoje nos fascina da mesma forma que encantou Shakespeare». E mais adiantava, para que não restassem dúvidas sobre as suas motivações e o *elan* que dá sentido à determinação de construir algo de belo na simplicidade da dádiva a uma causa chamada cultura e a um valor chamado *estar com os outros*: «Aquilo que nos move não são os aplausos ou o reconhecimento: é a qualidade da experiência que esta vivência teatral nos permite, é a vontade de marcar a diferença no nosso meio e de contribuir activamente para o enriquecimento cultural, pessoal e cívico de todos os que participam no grupo».

Mas provavelmente o documento mais significativo do sentido da participação na vida da cidade, como responsabilidade tácita, generosa e anonimamente assumida, é a espécie de mensagem (dirigida aos próprios componentes do grupo e a quem os quisesse ver e ouvir) aposta na contrapartida do programa do seu espectáculo. Mensagem elaborada como explicação daquilo que a autora - Ana Roseira Rodrigues, espécie de *alma-mater* da empresa - designava como «nosso presente à comunidade». Assim expresso: “*O Sonho*” (o Grupo)/ *Vivam os corajosos!* / *Eis mais uma produção,* / *Mais um texto,* / *Mais um cenário,* / *Mais música,* / *Mais cor,* / *Mais actores,* /... *mais corAGEM,* / *Coragem?* / *Neste tempo sem tempo* / (e outros recursos igualmente valiosos) / *Louve-se esta energia que cose* / (numa trama bem tramada) / *A dedicação e a alegria,* / *A busca de criatividade,* / *A juventude deste dia* / *Que torna o sonho verdade,* / *vivam estes sorrisos* / *Que sentem os espinhos da rosa,* / *Entre a Primavera e os guizos,* / *Entre pétalas e fadas,* / *Vivam!* / *Também, eu sou corajosa!*

Neste tempo sem tempo - como diz o texto/poema - em que nos afundamos em espécie de deriva colectiva, este, sim, é o país. O verdadeiro, autêntico, generoso, culto e sem disfarces. Não o da intriga rançosa ou do oportunismo rasteiro. Das tretas burocráticas, da tecnocracia dos cifrões em proveito de alguns e dos *opinion-makers* e politólogos de serviço. Não o país do banditismo de luva de pelica, em que vale tudo e tudo se troca, compra e vende (ou aluga), incluindo consciências, mas o país em que uma jovem tem a coragem de assumir a qualificação do quotidiano intervindo na comunidade. Apesar de tudo quanto se conjuga para o dissuadir e desmentir, ainda há quem sonhe. Ou, como explicou a mesma: ainda há quem insista «em contrariar o adormecimento das mentes». Este, sim, é o país que vale a pena. Acho eu. Mas, se calhar, estou a ficar muito fora da realidade. (De qualquer modo, já passou algum tempo e os meus caminhos nunca mais se cruzaram com os deste grupo. Não sei o que lhe aconteceu: se foi engolido pela máquina compressora ou continua a sonhar. Para não ter nenhum desgosto ou desilusão, prefiro ficar pela recordação daquela tarde inesquecível nos bastidores do auditório da Associação Nun' Álvares. Em Campanhã.)



Gomes Fernandes
arquitecto

Arquitectura e Literatura II

O que tem de literário a Arquitectura de Viana de Lima? O espírito modernista, na Escola da Carta de Atenas, na linha de ideias e propostas de Corbusier, uma geometria de rigor na proporção e atrevimento na concepção. Mestre¹ Viana de Lima não era dotado de grande facilidade comunicativa pela palavra, era um reflexivo de elegante trato mas sem esse dom comunicativo que tinham Távora, Filgueiras ou Arnaldo Araújo, todos meus Professores, mas possuía uma extraordinária capacidade de comunicar pelo desenho, soltando a mão sobre o papel como quem afaga uma planta agreste e, de repente, brota dela a beleza de uma flor.

Viana de Lima ensinava pelo gesto, fazia-se compreender pela firmeza da convicção e confirmava pela obra, rasgada e enxuta, capaz de compreender o peso da herança e acrescentar-lhe a mais-valia da modernidade criativa. “Há gestos que são relâmpagos”, di-lo António Ramos Rosa, e a Arquitectura de Viana de Lima é feita dessa força telúrica e racional do gesto que mistura intuição criativa com conhecimento estético e científico e avanço no tempo.

“Estar é estar além de onde se está / mas sentindo que se está aqui”, diz o mesmo poeta e olhando para a obra de Mestre Viana de Lima, constata-se isso mesmo, abriu janelas de modernismo para além do seu tempo sem deixar de estar no seu país. Como ficou bem expresso na “Casa das Marinhas”, concepção do modernismo mais expressivo da época a partir da raiz local de um moinho de vento, como tantos outros existentes naquela zona ventosa e que não tiveram a mesma sorte de se cruzarem com o talento e a cultura de um Arquitecto como este Mestre. Que não os combateu como D. Quixote, mas integrou na Ideia, fazendo desta obra um poema de contenção e beleza numa paisagem semeada de cardos.

Outras 3 “obras vivas” suas enriquecem a paisagem urbana portuense, o “Bloco de Costa Cabral” (1955), onde viveu, o “Gaveto da Cancela Velha” (1955), onde teve escritório, e a “Faculdade de Economia” (1961). Não referindo a “Habitação em Honório de Lima” (1939), demolida em 1971 mas que fica na memória de quem ainda a viu no local, como uma “obra-prima” da melhor lingua-



Casa de Honório de Lima

gem narrativa do modernismo arquitectónico português.

Em todas estas obras vivas a linguagem clara e enxuta convida a leituras de reflexão sobre a estrutura do objecto arquitectónico, o diálogo com o sítio e as circunstâncias em que surge a obra, aceitando ou transformando mas sempre enriquecendo, a interpretação dos tempos pré-existentes e futuros, a linguagem apelativa e inovadora de assumida dimensão literária no diálogo entre a geometria perfeita e a beleza desejada. São capítulos de uma “Obra Grande”, de assumida marcação urbana, rigor formal e beleza luminosa. Tal como o foi o empenho do Mestre no processo de candidatura do “Porto a Património da Humanidade”, que testemunhei desde início, quando o Consultor do Cruarb e também da Unesco entusiasmou o Comissário do Governo para meter pés a esta candidatura. Foi um trabalho lento e duro, mas concluído com um êxito que já não pôde festejar. Recordo-o em homenagem à sua memória, lembrando que, tal como na produção literária, ficou a obra a desafiar o tempo e a responsabilizar os homens pelo uso que lhe darão.

NOTA

¹ Mestre, tratamento respeitoso e valorativo dado a um Professor. Não confundir com Grau académico de hoje.



Francisco Noronha
crítico de cinema:
francisconoronha710@gmail.com

Crítica de cinema



«Julieta»

**Julieta (2016),
Pedro Almodóvar ★★★**

Definitivamente, o regresso de Almodóvar à sua boa forma, não ainda àquela que fez dele um dos mais importantes cineastas contemporâneos (por filmes como *Carne trémula* ou *Todo sobre mi madre*), mas indubitavelmente carregando as marcas do seu melhor cinema (para contrabalançar, a música, quase sempre em registo jazzístico, está perfeitamente desajustada do tom do filme). A partir de contos da nobelizada Alice Munro, aqui adaptados para a história de uma mulher cuja filha desaparece sem deixar rasto, somos de novo imersos no vibrante universo almodovariano: personagens de carne e osso, complexas, cheias de mistérios (Marian, a empregada de Xoan, por exemplo) e assombrações (num trocadilho cinéfilo, poder-se-ia aqui citar *Julieta dos Espíritos* de Fellini); a atenção aos pormenores, narrativos ou visuais, que vão ressoando simbolicamente ao longo do filme; a atmosfera chabroliana de tensão e de que algo adormecido - e trágico - pode despertar a qualquer momento; enfim, a elevação do melodrama a um género poderosíssimo (algo desde sempre favorecido pelas cores e temperaturas quentes dos seus filmes) em que as personagens, nas suas vidas “normais” e aparentemente comezinhas, se transcendem (numa palavra: *bigger than life*). Falámos em Chabrol, mas é óbvio que Almodóvar sempre teve igualmente uma costela hitchcockiana, desde logo na obsessão por personagens interpretadas por mulheres e pelas suas multiplicidades, dissimulações, desaparecimentos. Se um título como *The Lady Vanishes* (filme de Hitchcock de 1938) é literalmente transponível para a personagem da filha de Julieta, *Vertigo* ecoa, indisfarçavelmente, no desdobramento de Julieta (loira como Kim Novak) em “duas” mulheres, corres-

pondentes aos períodos “pré” e “pós” desaparecimento (e quão simples, mas poderoso e comovente, é o momento “transformativo” em que se dá essa transição). Mas hitchcockiano, também, pela omnipresença do tema da Culpa, que Julieta carrega penosa e masoquistamente quando nenhum motivo existe para tal (a mesma que o seu pai carrega pela troca da esposa acamada pela empregada mais nova): nem para o suicídio do homem do comboio, nem para a morte pouco ou nada clara do marido, tão-pouco para a partida da filha (e esta é, justamente, a grande opressão da Culpa, a de não nos conseguirmos abstrair e perceber como nada justifica que nos massacremos com determinado assunto). É essa sua característica capacidade de descer - e compreender - aos infernos da alma humana que Almodóvar volta a explorar com uma enorme sensibilidade, fazendo-nos entrar nas vidas de personagens que ficam connosco muito para lá do filme.

para enfatizar a justaposição demasiado forçada desses três objectos, os quais se funcionam, por si só, muito bem (não tão bem o do radialista, embora se aproveite a música popular italiana, como a que dá título ao filme, que este toca e que serve de banda sonora), nunca chegam a funcionar harmoniosamente em conjunto, mesmo que neles se queira eventualmente ver um retrato da Lampedusa - e, metonimicamente, da Europa - actual, onde eventos tão diversos, tão *tragicamente diversos*, coexistem a poucos metros uns dos outros. É que, a ser assim, Rosi dá um tiro no pé, pela sugestão que deixa de que, afinal, os dramas de uns não afectam coisíssima nenhuma as vidas de outros, com excepção da do médico (e se se argumentar que esse era precisamente o efeito *politicamente* pretendido, então porquê filmar, como Rosi filma, o rapaz e o radialista com tamanha ternura e bonomia?). De qualquer forma, e retomando o que acima dizíamos, na segunda hora do filme, Ro-



«Fogo no mar»

**Fogo no Mar (2016),
Gianfranco Rosi ★★★**

Aborrecido, árido, desenxabido. Os adjectivos com que muitos (e nós próprios) qualificaram *Sacro GRA*, o documentário anterior de Rosi e vencedor do Leão de Ouro em Veneza 2013, são transponíveis para a primeira hora do seu último filme (por sua vez laureado com o Urso de Ouro na *Berlinale* deste ano), no qual o italiano assenta arraiais na ilha de Lampedusa para fazer três filmes: um sobre a tragédia dos refugiados que aí aportam, outro sobre o quotidiano de um miúdo sobrinho de um pescador local, outro ainda sobre um radialista de “discos pedidos”. Se dizemos “três filmes” é justamente

si descola - conscientemente ou não - do registo monolítico e inconsequente (e mesmo “televisivo” ou “de repórter”, de certa forma) e voa, finalmente, para um olhar interessante e enfim cinematográfico sobre os seus (três) objectos. Algumas das mais impressionantes imagens da actual - mas sempiterna - crise de refugiados estão neste filme (que Rosi, porém, jamais se permite filmar de modo boçal ou gratuito), embora seja nessa imagem simbólica e bem menos explícita que se resume o Trágico: as lágrimas vermelhas, de sangue, que escorrem dos olhos de um refugiado espancado pelo seu opressor, esse fio vermelho que tinge as lágrimas como o fogo tinge o mar.



Carlos Fiolhais
prof. universitário UC, tcarlos@uc.pt

Nobel da Física de 2016 ou a utilidade da Ciência pura

O Prémio Nobel da Física de 2016 foi atribuído a três físicos teóricos britânicos, que emigraram para os Estados Unidos: David Thouless (metade do prémio) e Michael Kosterlitz e Duncan Haldane (que dividem entre si a outra metade). O prémio foi atribuído pela descoberta de novas fases da matéria e transições entre elas. Essas fases dizem-se topológicas, por serem descritos com o auxílio de um ramo da matemática chamado topologia, que estuda o comportamento de objectos perante a deformação. A matemática é a linguagem da Física e tem acontecido muitas vezes que novas descobertas dos físicos requerem o uso de matemática conhecida dos matemáticos. As novas fases descobertas pelos Nobel nos anos 70 e 80 do século passado ocorrem a temperaturas muito baixas em sistemas a duas dimensões - um filme -, ou a uma dimensão - um fio - em que não se esperava que houvesse transições de fase. A questão a que eles responderam foi: como se comporta a matéria perto do zero absoluto, ou zero kelvin, que corresponde a $-273,15^{\circ}\text{C}$ nessas dimensões? Era investigação teórica, guiada por mera curiosidade. Mas logo as suas previsões de novas e estranhas fases foram confirmadas em laboratório.

O que são fases da matéria? Toda a matéria é feita de átomos ou de grupos de átomos, que obedecem às leis da mecânica quântica. Um dos grandes desafios da física é conhecer as propriedades de uma porção de matéria em certas condições de temperatura e pressão: fases de matéria são formas de organização da matéria que conduzem a propriedades semelhantes; transições de fase ocorrem quando há mudanças bruscas de propriedades. Por exemplo, a água à pressão atmosférica é líquida entre 0°C e 100°C , mas já é sólida (gelo) abaixo de 0°C e gás (vapor de água) acima de 100°C . Falamos, portanto, de fases líquida, sólida e gasosa da água, e as transições de fase são, neste caso, fusão do gelo e vaporização da água líquida. Numa transição de fase ocorre mudança de organização dos constituintes: no gelo, as moléculas de água ocupam posições regulares de um cristal, ao passo que na água líquida as moléculas movem-se livremente, embatendo umas nas outras. Os físicos conseguem prever as fases e as mudanças de fase da água a partir das interações intermoleculares. Um outro exemplo muito conhecido de transições de fase ocorre num íman: uma barra de ferro perde o seu magnetismo a altas temperaturas. Tal aconte-

ce porque, à escala atómica, um íman é feito de minúsculos ímanes (falamos de "spins" atómicos, representados por pequenas setas) que dão origem a magnetização macroscópica, se apontarem para os mesmos lados, ou não, se apontarem para todos os lados. Ora transições de fase em sistemas muito diferentes podem ser aparentados. As mudanças da água e do ferro são conhecidas há muito, mas no início do século XX foram descobertos a temperaturas muito baixas novas fases: certos materiais eram supercondutores - não ofereciam resistência à passagem da corrente eléctrica - e outros eram superfluidos - perdiam a viscosidade, escorrendo com facilidade. Percebeu-se mais tarde que essas novas fases podiam ser explicadas pela mecânica quântica. Abaixo de $2,17$ kelvins o hélio-4, a forma mais comum de hélio, que é líquido a essa temperatura à pressão normal, torna-se superfluido, uma vez que os seus constituintes ficam então gregários, com um comportamento conjunto.

Thouless, Kosterlitz e Haldane interrogaram-se se existiria magnetismo, ou superfluidez ou supercondutividade, em sistemas de baixa dimensão, perto do zero absoluto, numa época em que esses sistemas eram difíceis de criar em laboratório. Dizia o senso comum que só a três dimensões seria possível haver magnetismo. Porquê? Porque são precisas interações entre átomos vizinhos para originar o comportamento colectivo e a duas ou três dimensões cada átomo não tem vizinhos suficientes. Perto do zero absoluto muito baixas significa temperaturas mais baixas do que 4 kelvins, que é a temperatura média do Universo (4 kelvins = $-269,15$ graus Celsius). Em todo o Universo é na Terra que foram registadas as temperaturas mais baixas: o homem desenvolveu máquinas criogénicas que conseguem arrefecer até ao recorde de $0,000\ 000\ 0001$ K. Ora os trabalhos daqueles físicos, na altura ainda a trabalhar na Europa, permitiram descrever descobertas surpreendentes no laboratório. As baixas temperaturas podiam existir afinal fases ordenadas a duas ou mesmo a uma dimensões. Tais fases essas que podiam ser descritas com a ajuda da topologia. Por exemplo, num sistema magnético (algo semelhante se passa num sistema superfluido ou supercondutor), podiam-se formar localmente vórtices (turbilhões) de "spins", mas a uma dada temperatura desaparecia qualquer ordem. Formavam-se pares de vórtices próximos a baixas temperaturas mas esses

pares desfaziam-se com o aumento de temperatura, indo cada vórtice "à sua vida". No fundo dava-se uma mudança de uma estrutura ordenada para outra desordenada, que podia ser associada a mudanças matemáticas já conhecidas na tal topologia.

Repare-se que as leis quânticas eram conhecidas, mas o comportamento colectivo emergente a temperaturas baixas era novo e inesperado. De facto, sistemas com um grande número de constituintes em interacção entre si podem mostrar padrões muito complexos, que desaparecem mudando um parâmetro como a temperatura. Sistemas aparentemente simples podem exibir um comportamento complexo mesmo sendo baixa a dimensão (um ou dois).

Um exemplo espectacular de mudanças de fase topológicas foi encontrado na condução de electricidade em sistemas electrónicos a duas dimensões. Foi observado que a condutividade eléctrica dava saltos precisos com a variação de temperatura (é o efeito de Hall quântico, cuja identificação experimental deu o Nobel da Física ao alemão von Klitzing em 1985 - um prémio não dividido, ao contrário do que tem sido habitual nos últimos anos). Esses saltos correspondem a mudanças de topologia, isto é, a mudanças estruturais. O efeito permite hoje aos físicos medir constantes fundamentais da Física com grande precisão. A baixas temperaturas a teoria quântica revela alguns dos seus segredos!

O Nobel da Física de 2016 mostra, mais uma vez, o enorme poder da Física como ciência que descreve o mundo em todas as situações, incluindo as extremas. De posse das leis fundamentais, expressas matematicamente, os físicos conseguem prever a existência de estruturas ordenadas e o desaparecimento da ordem com o aumento da temperatura. Na base da Física Teórica está, em geral, o conhecimento desinteressado. Mas depois vem a verificação em laboratório das previsões dos teóricos. E, por último, mesmo que demore, vêm as aplicações. Décadas volvidas, as fases de Thouless e seus colegas começam a ser usadas em artefactos tecnológicos. Já começam a aparecer computadores quânticos e pode ser que eles venham a usar essas fases da matéria a baixas temperaturas. Na altura, os laureados Nobel não faziam ideia nenhuma de eventuais aplicações. A Física é uma caixinha permanente de surpresas, que é como quem diz, o nosso mundo não pára de nos surpreender.

Abertas inscrições para o «Cinemalogia 6»

Estão abertas as inscrições para o 6.º curso de cinema - «Cinemalogia 6» -, organizado pelo Festival Caminhos do Cinema Português, até 19 de Novembro. Destinado a amadores ou profissionais do Cinema, este curso, ministrado por profissionais do sector, possibilita a frequência de módulos desenhados especificamente para explorar todas as fases de concepção de uma obra cinematográfica, da sua ideia ao seu produto final, o filme (caminhos.info/cinemalogia6).

Porto Património Mundial - 20 anos depois

Nos 20 anos da classificação do Centro Histórico do Porto como Património Mundial da Unesco, a Universidade do Porto, através da Unidade de Cultura, assinalou a data organizando um ciclo de conferências e dois percursos. O programa está a chegar ao fim e no dia 10 de Novembro realiza-se a última conferência, às 18h30, no salão nobre da reitoria da UP. Com entrada livre, a sessão guiada por Lúcia Rosas e Leonor Botelho consistirá na visualização da exposição virtual «Porto Património Mundial».

«Porto 2001 - 15 anos depois»

O ciclo de conferências para assinalar os 15 anos passados sobre a Porto 2001, Capital Europeia da Cultura, tem a sua segunda sessão no dia 15 de Novembro. «Todas as músicas, todos os públicos» será debatido por Fausto Neves, José Madureira Pinto e Pedro Guedes. Sob o título «Porto 2001 - 15 anos depois», as conferências são organizadas e apresentadas por Manuela de Melo, antiga vereadora da Cultura da Câmara Municipal do Porto. A sessão realiza-se no Museu Nacional de Soares dos Reis, no Porto, às 21h30. Recorde-se que as conferências decorrem ao ritmo de uma por mês e integram-se nas «Conferências Portugal no Palácio dos Carrancas».

Concurso para artistas do Alto Minho e Galiza

A Fundação Bienal de Arte de Cerveira (FBAC) e a Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira promovem um concurso regional de pintura e escultura naïf e autodidáctica, destinado a artistas residentes no Alto Minho e nos concelhos limítrofes da Galiza. As candidaturas decorrem até 4 de Novembro (bienaldecerveira.pt).

Reflexão sobre as escritas privadas e familiares e da história oral

Nos dias 14 e 15 de Novembro realiza-se o «Encontro Internacional sobre Escritas e Vozes Silenciosas», no Teatrinho, no Peso da Régua. Com o encontro “pretende-se abrir um espaço de reflexão em torno das escritas privadas e familiares e da história oral. O enquadramento dos silêncios, pela natureza das correspondências trocadas em contexto de mobilidade motivada por conflitos bélicos, exílio político, emigração ou outros cenários, legam-nos elementos úteis ao estudo de várias dimensões da História (social, política, económica, familiar e das mentalidades)”. O simpósio reúne especialistas de diferentes países e academias que se têm debruçado sobre o estudo destas problemáticas. Os trabalhos iniciam-se (9h30) com as reflexões de Chris Gerry (UTAD, CETRAD), Ana Sílvia Albuquerque (UPL) e Salvador Magalhães Mota (UCP), numa sessão moderada por António Barros Cardo-

so (UP, APHVIN / GEHVID). O programa deste primeiro dia inclui uma visita ao Museu do Douro, a partir das 15 horas.

O segundo dia de trabalhos inicia-se às 9 horas, com a primeira mesa a ser moderada por Maria Beatriz Rocha-Trindade (UAb, CEMRI). Os especialistas continuarão a reflexão dos temas do encontro ao longo do dia, estando prevista a última intervenção para as 17h30: Teresa Serpa Pimentel abordará a correspondência da Quinta da Pacheca. Pelo meio (14h30), Joana Pontes (CEHCP, ISCTE-IUL) ainda falará sobre «Quem meus filhos beija, minha boca adoça: cartas das mães na guerra colonial portuguesa: 1961-1974». A Associação Portuguesa de História da Vinha e do Vinho é a entidade organizadora do encontro, através dos investigadores Olinda Santana, Henrique Rodrigues e António Cardoso.

«Colóquios do Porto: Psicanálise e Cultura»

Nos 4 e 5 de Novembro, a Fundação Eng. António de Almeida, no Porto, será palco da X edição dos «Colóquios do Porto: Psicanálise e Cultura». A abertura, às 10 horas, contará com várias intervenções, nomeadamente da presidente do Instituto de Psicanálise do Porto (IPP), Cristina Fabião, do presidente da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP), Rui Aragão, e do presidente honorário do colóquio, Jaime Milheiro. Do intenso programa deste primeiro dia, destaque para a mesa redonda «Quero as coisas que existem não o tempo que as mede», às 16h30, com Pedro Mexia (poeta e cronista), Pedro Abrunhosa (músico), Fernanda Alexandre (SPP). Com moderação de Jorge Rolão Aguiar (SPP), a sessão conta ainda com comentários de Orlando Von Doellinger (Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, SPP). O segundo dia inicia-se com a mesa redonda «Tempo, fuga e regresso», às 9h45, com Álvaro Teixeira Lopes (Universidade de Aveiro) ao piano e com declamação poética. Ana Luísa Amaral (poeta, FLUP), João Teixeira Lopes (FLUP), Jorge Castro Ribeiro (musicólogo, Universidade de Aveiro) participam na sessão, moderada por Cláudia Milheiro (SPP), e que conta ainda com a comunicação de Ana Melícias (SPP). Os colóquios encerram às 18 horas.

Encontro na ESE do Porto

Amanhã e sexta-feira (27 e 28 de Outubro) realiza-se o encontro «Pequenos Formatos: Géneros Poéticos Breves e Educação Linguística e Literária» na Escola Superior de Educação (ESE) do Porto. Com a recepção dos participantes às 9h30, a primeira mesa (10h30) tem como tema «Contributos para a história de algumas formas breves e alguns géneros poéticos breves» e Ana Cristina Macedo (IEL-C|InED, ESE Porto) e José António Gomes (IEL-C|InED, ESE Porto) como oradores. O programa é intenso e variado: «Provérbios e coletâneas de provérbios: uma panorâmica» (15 horas) e «Haikus e poesia visual: testemunhos e leituras» (16 horas) são dois dos temas em debate no primeiro dia do encontro que continua e termina no dia seguinte. Às 9h30, Maria de Fátima Lambert (InED, ESE Porto) falará sobre «Do poema em prosa em Almada Negreiros e Ana Hatherly». E ao longo deste segundo dia, os temas sucedem-se e às 15h30 os escritores Albano Martins, Vergílio Alberto Vieira e Augusto Baptista darão testemunhos e farão leituras, numa sessão moderada por José António Gomes e Bernardette Capelo. Às 17 horas será feita uma apresentação de plaquette colectiva de textos breves de Albano Martins, Augusto Baptista, Bernardette Capelo, Francisco Duarte Mangas, João Manuel Ribeiro, João Pedro Mésseder, Nuno Hígino, Vergílio Alberto Vieira e Virgínia do Carmo, com ilustração de Sérgio Veludo. O encontro resulta da investigação levada a cabo por especialistas que integram a linha de investigação C do InED - Centro de Investigação e Inovação em Educação da ESE do Porto. (A participação requer inscrição prévia).

Jantares-Debate do Grémio Literário

O segundo jantar-debate do novo ciclo «Que Portugal na Europa, que futuro para a União?» contará com a participação de Guilherme d'Oliveira Martins como orador-convidado. Será amanhã (27 de Outubro), às

20h30, na Biblioteca do Grémio Literário, em Lisboa, promovido pelo Clube Português de Imprensa, em parceria com o Centro Nacional de Cultura e o próprio Grémio Literário. Inscrições: Incrições.

Observatório de Cinema arranca amanhã

«Gesto», do realizador António Borges Correia, estreou em 2011 no DocLisboa como sendo o primeiro filme simultaneamente para surdos e ouvintes em Portugal e no mundo. O documentário, inspirado na vida real de um jovem surdo, é uma das 25 sessões comentadas de cinema que vão ser apresentadas no Close-Up - Observatório de Cinema, que vai decorrer na Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão, entre 27 e 30 de Outubro. A sessão referida, destinada para a comunidade escolar mas aberta a toda a população, vai ter lugar no dia 28, a partir das 10 horas, e vai contar com a presença e comentários de António Coelho, o jovem que serviu de inspiração para o filme e que é também o seu protagonista. Mas esta é apenas uma das várias iniciativas integradas na programação intensa e eclética do Close-Up, entre debates, instalações, conversas sobre a história do cinema, sessões pa-

ra escolas e para famílias, numa verdadeira maratona cinematográfica que vai contar com a participação de mais de duas dezenas de convidados. Paralelamente ao cinema decorre a temática «Extrapolações», com uma instalação de vídeo de Luciana Fina (patente até 31 de Outubro, no flyer) e com o DJ Vicente Pinto Abreu (27 de Outubro, no Café-Concerto), entre outros momentos culturais e artísticos. Do rol de comentadores convidados, destaque para as presenças da jornalista Clara Ferreira Alves, do poeta, crítico e cronista Pedro Mexia, do director e programador do Indie Lisboa, Nuno Sena, do crítico de cinema Vasco Câmara e dos realizadores dos filmes a exhibir. Com entrada gratuita para estudantes, seniores e para associados de cineclubes, o restante público paga dois euros ou um euro com o cartão do quadrilátero cultural (www.closeup.pt).

Protocolo entre Misericórdia do Porto e Serralves

A Santa Casa da Misericórdia do Porto e a Fundação de Serralves assinaram um protocolo de colaboração, válido por 3 anos, que prevê a realização de iniciativas conjuntas, nomeadamente exposições regulares de obras da colecção de Serralves na Galeria dos Benfeitores do MIMPO - Museu e Igreja da Misericórdia do Porto. A primeira obra exposta no MIMPO no âmbito deste protocolo é «One Floor, One Floor Plan», de Pedro Cabrita Reis, que está patente até 22 de Janeiro de 2017.

As sessões de quinta-feira na Bonjóia

O próximo Serão da Bonjóia e último de Outubro realiza-se amanhã (27) e insere-se no Ciclo do Património, sob o tema «As nossas memórias - As fontes do Porto». Arminda Santos, Luís Pacheco, Maxima Girão e Rui Clare são os convidados desta sessão. Para Novembro, estão já marcadas as tertúlias de quinta-feira à noite, na Quinta de Bonjóia, no Porto, do dia 3, «Tu és uma marca», do Ciclo da Sociedade, por Sandra Ribeiro; de 17, em que será apresentado o «Dicionário - Crime, Justiça e Sociedade», por Rui Maia; e do dia 24, inserido no Ciclo das Artes, Ricardo Brito será o protagonista de um Recital de Música. Recorde-se que todas as sessões têm início às 21h15.

Bob Dylan o é Nobel da Literatura 2016

Bob Dylan foi o distinguido com o Nobel da Literatura de 2016 "por ter criado novas formas de expressão poéticas no quadro da grande tradição da música americana". Com uma carreira de 37 álbuns e mais de 50 anos, Dylan, agora com 75, já escreveu algumas das canções mais aclamadas da música. Bob Dylan, pseudónimo de Robert Allen Zimmerman, nasceu em Duluth, no Minnesota, em 1941, no seio de uma família de proveniência russa e judaica. Começou a escrever poemas com dez anos de idade e aprendeu sozinho a tocar piano e guitarra.

«Clássicos em Cena» pelo Teatro Maizum

O projecto «Clássicos em Cena», que se realiza entre os dias 9 e 12 de Novembro, na Casa da Achada - Centro Mário Dionísio, em Lisboa. Trata-se de um breve ciclo de leituras encenadas tendo por base textos de Sá de Miranda, Jorge Ferreira de Vasconcelos e António Ferreira. Estes são alguns dos dramaturgos que mostram, de forma inequívoca, a existência de um teatro clássico português. A apresentação destes autores e das suas obras dramáticas, em leituras encenadas, é um tributo à grandeza e um resgate ao esquecimento da dramaturgia portuguesa do séc. XVI, que importa situar não só a nível nacional, mas também ibérico e europeu. Em Novembro serão apresentadas versões de «Os Vilhalpandos» de Sá de Miranda (9, 18h30), «Comédia Ulysippo» de Jorge Ferreira de Vasconcelos (10, 18h30) e «Comédia O Cioso» de António Ferreira (11, 18h30). No dia 12 serão apresentadas as três obras numa festa que começa às 16 horas e que culmina com uma ceia e uma tertúlia a partir das 21h30. «Clássicos em Cena» é uma iniciativa que visa divulgar os clássicos portugueses, incentivando o trabalho artístico a partir dessa dramaturgia, aproximando-nos de um repertório, quer enquanto magnífico teatro gerador de uma singular e rica experiência estética, quer enquanto texto teatral que sabiamente projecta zonas de experiência humana que ainda hoje podemos reconhecer". Este projecto vem no seguimento da linha de trabalho traçada por Silvina Pereira, enquanto investigadora e directora Artística do Teatro Maizum, de pôr em cena o repertório de teatro clássico português e, simultaneamente, incrementar uma reflexão teórica sobre esse mesmo património teatral.

«A Europa de valores ainda é possível?» em debate

"A União Europeia enfrenta uma ameaça existencial à sua sobrevivência, pelo crescimento de forças políticas, algumas já no poder, que fazem dos imigrantes e dos refugiados uma ameaça. Poderá a União Europeia sobreviver se os valores em que assentou a sua fundação, subscritos por todos os estados-membros, forem postos em causa? Será possível desprezar a defesa dos direitos fundamentais e a unidade na diversidade?"

Ainda há espaço para os valores na Europa?

Poderá António Guterres recuperar este legado nas Nações Unidas? Estas e outras questões serão abordadas amanhã, 27 de Outubro, no debate «A Europa de valores ainda é possível?», a partir das 18 horas, no Centro Nacional de Cultura, em Lisboa. Na introdução, Maria João Seabra falará sobre «Os valores da Europa nas obras do IEEI» e Noémia Pizarro abordará o tema «Refugiados: política europeia e actuação dos estados-membros». O debate, moderado por Álvaro Vasconcelos, contará com Guilherme d'Oliveira Martins (Centro Nacional de Cultura), Sofia Oliveira (Universidade do Minho) e José Manuel Pureza (Deputado, CES, Universidade de Coimbra). A sessão terá entrada livre.

Nuno Júdice é o Prémio Literário António Gedeão 2016

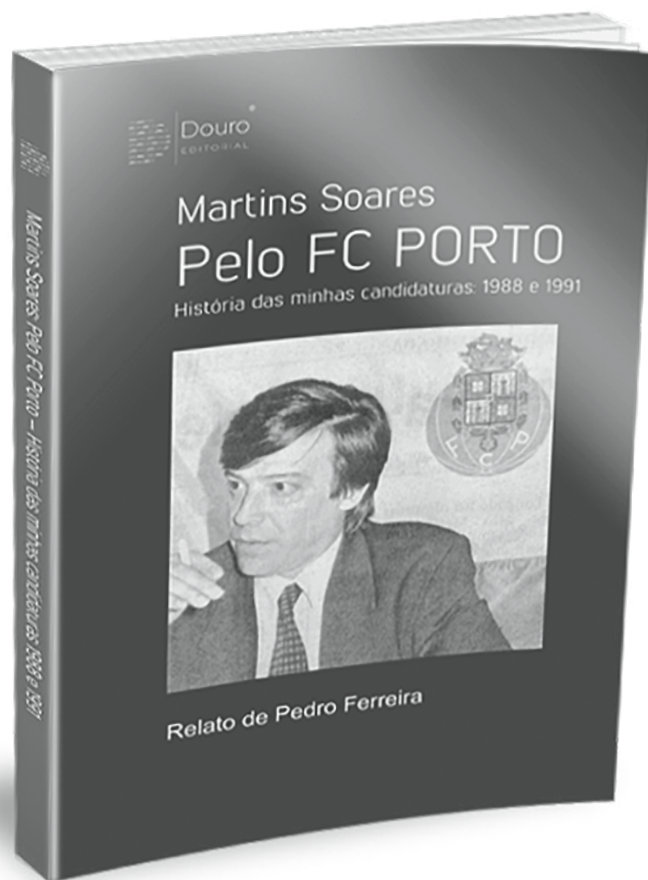
Com o livro «A Convergência dos Ventos», Nuno Júdice é o vencedor, por unanimidade, do Prémio Literário António Gedeão 2016, instituído pela Federação Nacional dos Professores - Fenprof. O júri desta edição do referido prémio, composto por José Manuel Mendes, Paulo Sucena e Teresa Martins Marques, salientou, em comunicado, que na obra agora distinguida "ressalta a mestria de uma escrita que se renova através de uma metapoética depurada e de uma diversidade temática surpreendente nos seus tons disfóricos, críticos, irónicos ou de maior compromisso". O Prémio Literário António Gedeão destina-se a galardoar uma obra de poesia de um autor português e tem como finalidade distinguir trabalhos literários, de poesia e ficção narrativa, em anos alternados, de professores no activo ou aposentados, de qualquer grau de educação e ensino, público ou privado, e também de docentes deslocados em outros serviços ou funções.

Em papel nos entendemos

À semelhança do “velho do Restelo”, quantos já não vaticinaram o fim dos jornais em papel?! As razões são múltiplas e cada uma delas válida a seu jeito. Porém, os contras podem vir a ser irreparáveis, caso esse presságio um dia venha a ser realidade. A título de exemplo, está marcado para dia 10 de Novembro, às 18h30 na Secção Regional Norte da Ordem dos Médicos, o lançamento do livro de Martins Soares intitulado «Pelo FC PORTO - História das minhas candidaturas 1988 e 1991» e o relato é do jornalista Pedro Ferreira. Afinal o que tem que ver o jornalismo de imprensa com este livro? pergunta-se! Trata-se de uma compilação de recortes de jornais da época, de toda a imprensa da altura que abordou e seguiu estas candidaturas em que Martins Soares defrontou por duas vezes Pinto da Costa. Tudo ignorado até no Museu do clube azul e branco. O que despoletou a curiosidade do neto do autor, que sempre ouviu o avô con-

tar que tinha defrontado Jorge Nuno Pinto da Costa nas urnas para a presidência do clube, por duas vezes, e afinal no que podemos chamar o depósito por excelência da história do clube, o Museu, nada existia sobre o tema. Valeu a Martins Soares o denso dossiê de imprensa que durante estes 28 anos esteve na prateleira, para que, agora em livro, estes recortes de milhares de notícias que se escreveram na época, se metamorfoseassem em documento histórico e inegável. Escrito na primeira pessoa, e relatado por Pedro Ferreira, este pedaço da história do FC Porto fica assim sem a lacuna que omitia a existência de adversários à presidência de Pinto da Costa. E porque o que é escrito, é eterno, mais do que um simples livro, esta compilação de recortes de jornais, que funciona como autenticação do que é relatado, é em si mesmo história e não estórias...

Maria José Guedes



«Eu sei | Je sais»

Maria Stingl lança o seu segundo livro de poesia no próximo dia 28 de Outubro, na Biblioteca Diana Bar da Póvoa de Varzim, pelas 21h30. «Eu sei | Je sais» é bilingue (Português e Francês) e conta com fotografias de Manuel Meira. A apresentação do livro estará a cargo de Jean-Pierre Bouard, que é também o tradutor do texto para Francês. A sessão terá um momento musical com a guitarra de Noé Gadiva.

«O inquieto e as utopias possíveis»

O lançamento do mais recente livro de Duarte Klut, «O inquieto e as utopias possíveis», realiza-se no dia 26 de Novembro, pelas 16 horas, no Convento Corpus Christi, em Vila Nova de Gaia. A apresentação do livro será feita por Rui Vaz Pinto - que assina o Prefácio - e a Conceição Lima cabe moderar a sessão.

«Sete Concelhos e Um território...»

O lançamento do livro «Sete Concelhos e Um território: Uma Caracterização Ambiental e Socioeconómica no Cerne do Entre Norte e Centro» terá lugar no próximo dia 5 de Novembro, pelas 15 horas, na Fundação Aquilino Ribeiro, em Soutosa, Moimenta da Beira. Este trabalho resulta de uma investigação levada a cabo por uma vasta equipa de investigadores da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, da qual faz parte a professora e investigadora Olinda Santana. A obra, com coordenação de Margarida Correia Marques, será apresentada pelo reitor da UTAD, António Fontainhas Fernandes. A presença na sessão de apresentação está sujeita a confirmação até 3 de Novembro (egsp-geral@egsp.pt; 218453933).



«a crispação de um toque a-fora o Ser» e «Poesia Nova»

No próximo dia 29 de Outubro, pelas 21h30, o Velocity Caffé (Rua de Santa Isabel, n.º 2), em Portimão, recebe o lançamento dos livros «a crispação de um toque a-fora o Ser» e «Poesia Nova», de Gabriela Rocha Martins e Amparo Monteiro, respectivamente. A apresentação caberá a Nídio Duarte e a outras individualidades ligadas à Cultura e à Literatura algarvias.



**EU SEI
JE SAIS**

MARIA STINGL
Tradução do texto da autora para francês por Jean-Pierre Bouard
Fotografias de Manuel Meira





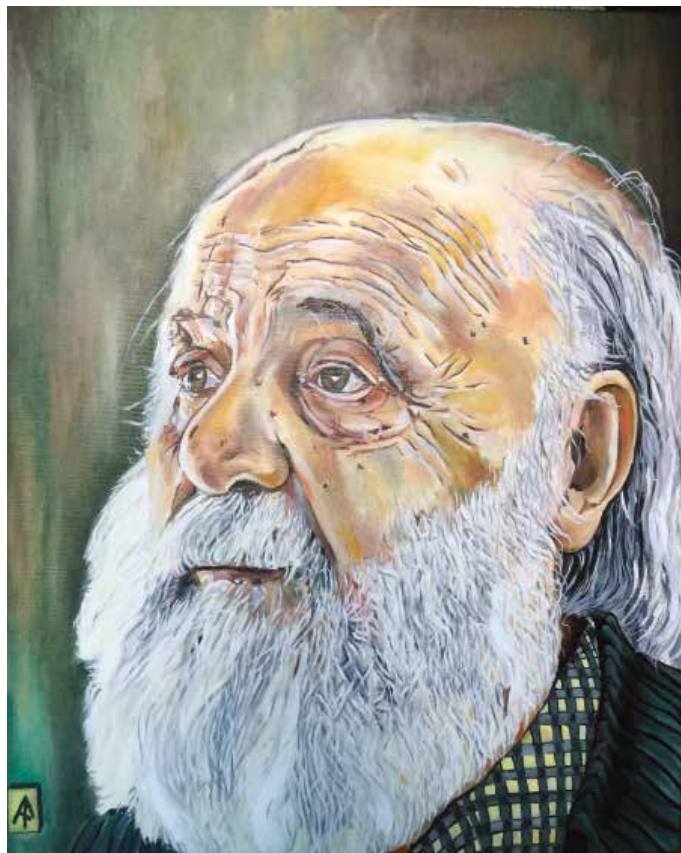
Isabel Ponce de Leão
prof. universitária UFP

Sobre um retrato de José Rodrigues

Quando fui convocada para participar no número do jornal *As Artes entre As Letras* que, muito justamente, evocou o nosso José Rodrigues, pedi escusa. Dele e a ele já alguma coisa havia dito e, nessa altura, nesse triste 10 de Setembro de 2016, pareceu-me que os deuses se uniram para levarem para junto de si genialidades que me eram próximas, como o pintor da cidade de Coimbra Mário Silva e a escritora, professora, amiga, alma da cultura funchalense, tudo... Ana Margarida Falcão, que, em voo alado, acompanharam o nosso Mestre. Faltou-me o ânimo ou talvez a crença na realidade das ausências. Demorei a recompor-me. Pego agora no número do jornal onde não escrevi e o tempo, panaceia da mágoa, permite-me ver, entre os magníficos textos dedicados a José Rodrigues, um intitulado “O olhar do escultor” - reprodução de um óleo sobre tela de Afonso Pinhão Ferreira. Nele me reencontro com o Zé, e com ele a minha dor se apazigua.

Sei, tenho a certeza, que o retrato é o género que melhor traslada valores morais, sociais e culturais; ora este óleo de Afonso Pinhão Ferreira faz perscrutar a alma do retratado; sendo a expressão de uma auto-percepção de valores, ele é, concomitantemente, uma opção clara do retratista que reflecte os seus valores e os da sociedade que os vê. À versatilidade consentida na representação de ideais, no que à tradição retratística ocidental diz respeito, responde Afonso Pinhão Ferreira com a semelhança, o carácter e a atitude do Mestre representado.

Afonso Pinhão Ferreira alheia-se daquilo a que Michael Baxandall denominou “triângulo de envolvimento”, seja a famosa dinâmica entre artistas, mecenas e obra de arte, e faz um retrato com o reflexo rigoroso do retratado, dando-nos a oportunidade única de dele nos aproximarmos. Acresce a isto a subtilidade paratextual - “O olhar do escultor” - como que insinuando que o importante está para além do visível; seja, está o mundo criado pe-



«O olhar do escultor», óleo sobre tela de Afonso Pinhão Ferreira

lo retratado que o seu próprio olhar contempla. Estão desenhos e esculturas, cerâmicas e barros e está, sobretudo, a grandiosa obra que abriu portas aos novos talentos. Melhor dito, está a acção desenvolvida durante a sua passagem pela terra - acção própria dos “grandes” que não temem a promoção dos, por agora, mais “pequenos”.

Afonso Pinhão Ferreira sabe-o como ninguém e, seguindo os ditames de Ingres, numa linha quase fotográfica, espalha, através de pinceladas certas, rigorosas, precisas a austera bonomia de José Rodrigues. As rugas, uma a uma, os sinais que o tempo deixa, as barbas meticulosamente desordenadas e o olhar, sobretudo o olhar, obsessivamente sensível de alguém com emoções e desejos reais. De alguém que já vendo mal, tudo via. De alguém que, sabendo que se distancia da vida, sente e consente que a sua obra perdurará, não só pelo já feito, como também pela certeza da continuidade do seu legado. Sim, o *Cubo da Ribeira*, sim o *Monumento ao Em-*

presário, sim o *Cervo* de Vila Nova de Cerveira, sim a *Anja* da *Casa das Nuvens* de Miguel Veiga. Sim a tudo, mas sim, sobretudo, à *Fábrica Social* onde se gera e dá voz a novos talentos, onde a cultura - e não só as belas artes - tem lugar cativo.

É para lá que olha o Zé do Afonso, com pena de não ficar, mas sentindo que continua. É a responsabilização desse legado que Afonso Pinhão Ferreira impõe e, ao fazê-lo, colhe a alma do escultor e, usando uma expressão de Júlio Reis Pereira, “pinta o seu retrato só pelo interior”. Pinta-o com pinceladas que oscilam entre a suavidade e a severidade e estabelece um pacto entre contrastes cromáticos definidores da sua personalidade. Não fora o mistério do olhar, não fora a técnica de implícitos e atrever-me-ia a aproximar este óleo do hiper-realismo.

Mas não, abduco de qualquer tipo classificativo de movimentos ou tendências, abduco de um comentário académico, abundante em argumentos sustentados por citações.

O que quero mesmo dizer, o que, por ventura, há muito devia ter dito -, fugindo, embora contrariada, aos sempre perigosos superlativos absolutos - é que Afonso Pinhão Ferreira é figura cimeira do retratismo em Portugal; dos melhores entre os melhores, que cruzam, sabem cruzar, inspiração e técnica com um enorme, imenso e voluntário *hard labor*.

Fito “O olhar do escultor” e vejo o Zé Rodrigues ainda a passear-se nos arredores do Mosteiro - “vai para lá, tens sossego para trabalhar, disse-me um dia” - vejo-o a desenhar compulsivamente em papeis e guardanapos que distribui pelos amigos, vejo-o a assistir a conferências, apresentações de livros e outros eventos que ele próprio promovia, vejo-o nos almoços das 3.ª feiras na *Fábrica Social*; evoco ainda o olhar vítreo da sua fase final. E fico próxima, muito próxima dele na moldura deste retrato alheio às políticas e às ficções da modernidade. A sua imagem colou-se à minha retina. O Zé precisava deste retrato. Um beijo, Afonso.

Planos Poupança Reforma

HÁ 25 ANOS A PLANEAR O SEU FUTURO.

O BPI foi um dos pioneiros na criação de soluções alternativas de investimento e de poupança para apoiar os Clientes na preparação do seu futuro. Hoje, são já mais de 290.000 os Clientes que confiam as suas poupanças no BPI. Comece já a poupar para o seu futuro.

Toda a informação nos Balcões ou Centros de Investimento BPI, www.bancobpi.pt e 800 243 243 (atendimento personalizado, das 8h às 23h).



25 ANOS
PPR
BPI

A presente mensagem tem natureza publicitária e é prestada pelo Banco BPI, S.A. (autorizado pelo Banco de Portugal a exercer as actividades de intermediação financeira compreendidas no respectivo objecto e encontra-se para esse efeito registada junto da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários - www.cmvm.pt).

